

2016

PÚBLICO – POLICIÁRIO CAMPEONATO NACIONAL E TAÇA DE PORTUGAL 2015

**CLUBE DE DETECTIVES
DANIEL FALCÃO (ORG.)**

<http://clubededetectives.pt>

FICHA TÉCNICA

Título: PÚBLICO – POLICIÁRIO

CAMPEONATO NACIONAL E TAÇA DE PORTUGAL 2015

Organização: Daniel Falcão

Data da edição: Janeiro de 2016

Editor: Clube de Detectives

E-MAIL: danielfalcão@clubededetectives.pt

URL: <http://clubededetectives.pt>

ÍNDICE

PROVA Nº 1	
PARTE I – Morte nos céus (Rigor Mortis)	7
PARTE II – Um crime no Alentejo (Rip Kirby)	11
PROVA Nº 2	
PARTE I – A morte de Aníbal Caldeira – o banqueiro (Sete de Espadas)	19
PARTE II – As riquezas desaparecidas (Faraó)	23
PROVA Nº 3	
PARTE I – Tempicos e a música de água furtada (A. Raposo & Lena)	29
PARTE II – Surpresa! (Marisco Marado)	33
PROVA Nº 4	
PARTE I – Crime na biblioteca (Paulo)	37
PARTE II – D. Payo que estás no céu (A. Raposo & Lena)	41
PROVA Nº 5	
PARTE I – A confraria dos gémeos (Zé Coxo)	47
PARTE II – Quem “ocupou” o palco? (Zé da Claque)	51
PROVA Nº 6	
PARTE I – Aconteceu na noite de S. João (Quaresma, Decifrador)	57
PARTE II – Aconteceu na entrada do clube (Quaresma, Decifrador)	61
PROVA Nº 7	
PARTE I – Sangria desatada (Búfalos Associados)	67
PARTE II – Uma história de espionagem (??)	73
PROVA Nº 8	
PARTE I – 1º caso do inspector Ferreira (Detective Jeremias)	79
PARTE II – O caso torta (Detective Jeremias)	83

PROVA Nº 9	
PARTE I – Foi do desespero? (Karl Marques)	89
PARTE II – Um milhão se mata, um milhão se morre (Karl Marques)	93
PROVA Nº 10	
PARTE I – A estranha morte do “Tio Palito das Vacas” (Mário Campino)	99
PARTE II – O caso de Josita Corli (Medvet)	105
CLASSIFICAÇÕES	
DECIFRAÇÃO	111
PRODUÇÃO	113
POLICIARISTA DO ANO E RANKING	115

CAMPEONATO NACIONAL E TAÇA DE PORTUGAL 2015

PROVA Nº 1

PARTE I

MORTE NOS CÉUS

Original de RIGOR MORTIS

PARTE II

UM CRIME NO ALENTEJO

Original de RIP KIRBY

MORTE NOS CÉUS

Original de RIGOR MORTIS

Enfiando o saco de viagem na bagageira, o inspector João Velhote olhou à sua volta. O avião não estaria mais que meio cheio, o que era surpreendente, numa viagem de Miami para Lisboa, naquela época do ano. Antes assim! No fim de uns dias de férias para descontraír, tinha receado encontrar no regresso um avião cheio de ruidosos e ebulientes veraneantes...

Talvez por deformação profissional, observou com atenção os passageiros mais próximos do seu assento, na coxia esquerda da primeira fila do bloco central da turística. À direita, depois de uma cadeira vazia, uma mulher na casa dos quarenta, com uma jovem adolescente tremendamente bronzada. À esquerda um casal, à conversa com outro casal sentado logo atrás, todos na casa dos vinte. Atrás deles e atrás de si, duas filas vazias.

Sentou-se, colocando o livro que escolhera para ler durante a viagem na bolsa à sua frente, enquanto ia ouvindo os passageiros à sua esquerda, sem prestar grande atenção. Dois jovens casais em busca de aventuras... Provavelmente de vários tipos... Bom, talvez estivesse a exagerar, mas algumas indirectas picantes das jovens, manifestamente bem dispostas, dirigidas ao homem sentado na coxia logo ao seu lado, bem parecido e de porte atlético... Sobretudo da que estava sentada na coxia da fila atrás da sua...

Ignorando-os, deixou-se afundar na sua cadeira e fechou os olhos...

...Acordou sobressaltado, ao som de uma babel de vozes alteradas. Quanto tempo dormira? Olhou para o relógio e surpreendeu-se ao notar que já tinham mais de quatro horas de voo. Lá se fora o jantar...

– “Arrombem a porta! Está a sair sangue por baixo da porta!”

Logo à frente, do seu lado esquerdo, vários passageiros e duas hospedeiras acotovelavam-se junto à porta do lavabo. Levantou-se da sua cadeira ao mesmo tempo que um passageiro metia o ombro e forçava a porta do lavabo.

– “Quietos!” – gritou – “Não entrem aí!”

Cedendo aos seus instintos profissionais, afastou os passageiros da entrada do lavabo, surpreendidos pelo seu grito, antes de qualquer deles lá entrar. E, empurrando um pouco mais a porta, olhou lá para dentro. A cena era terrível. Uma mulher, sentada na sanita mas totalmente vestida, com a cabeça caída sobre o peito e os braços à frente dos joelhos, estava esvaída em sangue, com ambos os pulsos

profundamente cortados. O pequeno lavatório estava cheio e o chão coberto do sangue dela, mas via-se o cabo de uma faca sobre um dos pés. Era a jovem que se tinha sentado na coxa da fila de trás, à sua esquerda.

Com a ajuda do comissário de bordo e das hospedeiras, lá conseguiu que todos os passageiros se sentassem, visivelmente angustiados e inquietos. João Velhote identificou-se como inspector da polícia e aproveitou para fazer de imediato algumas perguntas.

As hospedeiras confirmaram que a porta do lavabo estava trancada por dentro, tendo sido alertadas por um passageiro de que assim estava há mais de meia hora. E sim, de facto o jantar já tinha sido servido há um grande bocado, bem antes de se terem reduzido as luzes no interior do avião.

– “Que raio de sítio para se suicidar”, comentou uma delas.

O companheiro da jovem morta, Sérgio, disse-lhe que a relação entre ambos não ia muito bem. Durante toda a estadia nas Bahamas, a companheira, Mónica, tinha-se mostrado muito esquiva em relação a si, apesar de ter sido ela a sugerir que os quatro fossem aí passar uma semana. Ele interpretara essa sugestão da Mónica como uma oportunidade que ela estaria a criar para intensificar a relação entre os dois, muito ardorosa no passado recente. Claro que se não tivesse sido a Anabela a pagar, nem ele nem a Mónica teriam possibilidade de o fazer, já que o que recebiam dos empregos que tinham não dava para isso.

– “Disse-lhe ontem à noite que seria melhor acabar a relação, se essa era a sua vontade”, concluiu.

A outra jovem do grupo, Anabela, muito chorosa, confirmou que a ideia daquelas férias tinha sido da Mónica, numa espécie de despedida de solteira, já que a Anabela e o Roberto, o jovem que a acompanhava, se iam casar dentro de algumas semanas. Tinha sido uma excelente semana de férias. Sim, bastante cara, mas as despesas não eram um grande problema para ela, pois o pai, milionário, dava-lhe uma mesada muito generosa, mais que suficiente para tal.

O Roberto, o passageiro que tinha arrombado a porta do lavabo, disse não estar muito surpreendido, já que a Mónica lhe tinha confessado estar a viver uma fase muito má na sua relação com o Sérgio. Era estagiário numa empresa do pai da Anabela, de quem estava noivo, e ansioso pelo casamento. A Mónica? Apenas amigos de há algum tempo. Tinham namoriscado no início, mas deixara-se disso quando conhecera a Anabela.

O comissário de bordo veio dizer ao João Velhote que o avião ia começar a sua descida para Lisboa e que, portanto, todos tinham que se sentar e apertar os cintos. Referiu-lhe que o comandante já tinha contactado Lisboa para lhes dizer ter ocorrido um suicídio a bordo.

– “Ainda bem”, disse João Velhote, “espero bem que seja a polícia a vir a bordo.”

– “A polícia? Bom, suponho que sim, mas não me parece que haja muito a investigar, já que se tratou claramente de um suicídio.”

– “Diz você”, retorquiu o inspector, mordiscando o lábio superior e expondo os incisivos inferiores por baixo do bigode grisalho, como sempre fazia quando mentalmente resolvia algum caso, “mas parece-me bem que não. Acho que foi um homicídio, e a polícia terá bastante trabalho a analisar a cena do crime, para encontrar as provas necessárias. Mas encontrá-las-á decerto e confirmará as minhas suspeitas de quem foi o assassino.”

– “Homicídio? Como, se a porta do lavabo estava trancada por dentro e só o cadáver lá se encontrava?!”

– “Custa-me a acreditar que um comissário de bordo experiente como você pense assim...” disse o inspector João Velhote com um sorriso maroto.

Perguntas:

Suicídio? Ou homicídio?

De que é que o inspector João Velhote suspeitava?

Policário nº 1226 – Público de 1 de Fevereiro de 2015

SOLUÇÃO

A faca utilizada para cortar os pulsos da Mónica, que estava aos seus pés, só podia ter sido retirada de um tabuleiro da refeição servida a bordo. Cortar profundamente ambos os pulsos com uma faca relativamente pouco afiada, como são as que se utilizam nesses tabuleiros, teria sido praticamente impossível para a Mónica. Talvez conseguisse cortar um deles, mas a seguir, com a emoção e a perda de sangue, certamente não conseguiria o outro. Além disso, ele próprio tinha ouvido os comentários picantes e bem dispostos da Mónica, antes de o avião levantar voo, nada condicentes com alguém que estivesse à beira de uma depressão tão profunda que levasse ao suicídio. Mas outra pessoa poderia ter cortado os pulsos da Mónica, fazendo-a antes desmaiar com uma pancada na cabeça, ou simplesmente sufocando-a até perder os sentidos. Com algum cuidado e com a ajuda do lavatório existente no lavabo, poderia até fazê-lo sem se sujar quase nada com o sangue da vítima. Quanto ao facto de o lavabo estar trancado, o comissário de bordo, experiente sem dúvida, saberia com certeza que as portas dos lavabos de um avião podem ser abertas ou trancadas por fora, bastando para tal levantar a pequena placa com a etiqueta “Lavatory” e pressionando o trinco manualmente. Ainda que não fosse suposto que qualquer passageiro o fizesse... Claro que isso significava que a Mónica tinha entrado no lavabo com alguém, de sua livre vontade, aproveitando a relativa escuridão da cabina do avião, com as luzes desligadas para facilitar o sono aos passageiros. Muito possível, se ela fosse sexualmente tão ardorosa como o Sérgio referira.

Quem? O Sérgio não, seguramente, depois de uma semana a esquivar-se dele. Muito possivelmente o Roberto... Se este a seduzisse para fazerem parte do “milehigh club” aproveitando o facto de os respectivos companheiros estarem a dormir, como a maioria dos passageiros... Roberto que, embora tivesse cedido aos encantos da Mónica durante a estadia nas Bahamas – ideia dela, não para reatar a relação com o Sérgio, mas precisamente para seduzir o Roberto – teria todas as razões para acabar de vez com a relação, já que o casamento com a Anabela lhe seria muito mais vantajoso, financeiramente falando. Um suicídio viria mesmo a calhar... Para um homem de porte atlético como ele, dominar fisicamente a Mónica não seria difícil. E algum vestígio de sangue que porventura lhe tivesse ido parar à roupa seria facilmente explicado se fosse ele mesmo o primeiro a entrar no lavabo e a pegar no corpo da Mónica. Uma análise forense cuidadosa encontraria muito provavelmente sinais de uma pancada na cabeça da Mónica, ou do seu sufocamento, bem como algum vestígio de sangue na roupa do Roberto, além de alguma impressão digital deste no interior do lavabo, ou mesmo na faca.

Policiário nº 1232 – Público de 15 de Março de 2015

UM CRIME NO ALENTEJO

Original de RIP KIRBY

Sete horas da tarde de um dia qualquer de um qualquer mês de Dezembro no posto da GNR de uma vila qualquer do Alto Alentejo. O telefone toca.

A um canto da secretária dois pires de café, como se fossem castiçais, continham, apagadas, cada um uma vela de cera meio gasta. Na base das velas via-se os restos da cera que havia derretido.

Lá fora, na rua, o temporal era medonho e o contínuo ribombar dos trovões tornava difícil ao agente que atendeu a chamada entender o que do outro lado da linha lhe era dito. Por fim lá conseguiu entender o recado e respondeu laconicamente: vamos já mandar alguém para aí.

Daí a momentos o agente estava transmitindo ao segundo sargento que comandava o posto o recado que recebera. Numa vivenda situada no final daquela mesma rua havia acontecido uma morte com toda a aparência de crime.

O sargento convocou dois agentes para o acompanharem e dirigiu-se ao lugar indicado onde chegou cerca de dez minutos mais tarde. Foi de imediato encaminhado por uma serviçal a um quarto de dormir onde sobre a cama se via o corpo de uma senhora já idosa deitada sobre o seu lado direito vendo-se na têmpora esquerda um ferimento, chamuscado e com resíduos de pólvora, provocado por um tiro.

O braço direito encontrava-se estendido numa diagonal de cerca de 45º em relação ao corpo e na mão correspondente, embora de modo precário, segurava um revólver.

O segundo sargento concluiu que se tratava de um crime o que foi confirmado mais tarde, tal como o revólver também foi confirmado como sendo a arma do crime.

O militar da GNR iniciou imediatamente as diligências tendo em vista deslindar o caso, que talvez lhe viesse a valer uma promoção.

Começou por passar uma vista de olhos pelo quarto.

Sobre uma cómoda viam-se algumas imagens religiosas iluminadas por três ou quatro velas quase completamente gastas, mas ainda acesas. Sobre uma das mesas-de-cabeceira, para além de um candeeiro, estava um tabuleiro com um bule de chá, uma chávena limpa sobre o respectivo pires, um açucareiro, uma colher e um pires contendo uma torrada.

Na outra mesa-de-cabeceira havia igualmente um candeeiro, uma moldura com a foto de um casal

e um relógio electrónico, em cujo mostrador os dígitos piscando indicavam 00:40.

Numa escrivaninha a um canto do quarto estava um telefone.

Às perguntas do sargento a serviçal respondeu: “Eram quase sete horas quando vim trazer o chá à senhora. É costume vir às 17 horas, mas hoje não deu para isso. Quando entrei estranhei ver a senhora deitada, mas só quando cheguei perto dela é que vi que estava morta. Pousei o tabuleiro do chá sobre a mesa-de-cabeceira e telefonei para a guarda mesmo daqui do quarto, depois desci e fui comunicar o caso aos meninos.” Os meninos são os três sobrinhos da senhora.

O sargento desceu para o rés-do-chão e foi interrogar os sobrinhos da vítima.

Leonardo respondeu: “Desde as 16 horas, quando a tempestade se iniciou, que estive na varanda observando o fantástico espectáculo que é uma tempestade como a de hoje. Só saí da varanda quando a Fulgência me disse que a tia tinha morrido e que já havia telefonado para a GNR. Ainda estive para subir, mas depois pensei que já não ia adiantar nada, além de que descuidadamente poderia deixar algum vestígio que me compromettesse, pelo que fiquei aqui na sala onde já estava o Paulo.”

Paulo, que envergava um grosso roupão, disse: “Eu ausentei-me logo a seguir ao almoço e só cheguei a casa perto das 17h. Nessa ocasião já chovia a bom chover. Tomei um banho quente vesti o pijama e este roupão e vim sentar-me na sala esperando que a Fulgência trouxesse o chá. Creio que adormeci, pois não me lembro de nada a não ser de Leonardo abanando-me e dizer-me que a tia tinha morrido. Ia correr para o quarto dela, mas ele não me deixou.”

O Vítor afirmou: “Após o almoço fui para o meu quarto onde permaneci toda a tarde, fazendo um trabalho no computador. Só quando a Fulgência me disse que a tia estava morta é que desci. Antes, porém, fui ao quarto dela para me certificar de que a Fulgência não estava equivocada depois juntei-me aos meus primos.”

Antes de se retirar o sargento pediu a Fulgência que o levasse a ver os quartos dos rapazes.

Todos os quartos se encontravam impecavelmente arrumados. Apenas o quarto de banho de Paulo tinha o chão molhado e a um canto, dentro de uma cesta, algumas peças de roupa molhada.

O quarto de Vítor tinha o mobiliário exactamente igual ao dos primos com apenas uma pequena diferença. A um canto havia uma secretária sobre a qual se via um moderno computador de secretária que se encontrava desligado.

Como todas as evidências indicam que estamos perante um crime quem dá uma ajuda ao segundo sargento para ganhar a sua promoção dizendo que o criminoso foi:

- A – O Paulo
- B – A Fulgência
- C – O Vítor
- D – O Leonardo

Policário nº 1227 – Público de 8 de Fevereiro de 2015

SOLUÇÃO

Alínea C – O assassino foi o Vítor.

No meu quarto, junto da minha cama, existe um relógio do tipo do usado neste problema.

Uma noite destas, ao entrar no quarto, vi o mostrador a piscar e isso deu-me a ideia para este problema. Contudo tenho uma vaga impressão de que a ideia não é inteiramente original, mas actualmente quase que é impossível encontrar algo que seja verdadeiramente original.

As velas, meio consumidas, sobre a secretária no posto da GNR fazem-nos pensar que naquele dia aconteceu um corte na corrente eléctrica na rede da zona. Essa convicção mais se acentua quando ao chegarmos ao quarto da vítima vimos o relógio eléctrico com o mostrador piscando, o que é sinal de que a energia faltou.

Não é vulgar um posto da GNR ser iluminado por velas pelo que é de acreditar que as velas que lá vimos por altura do telefonema eram novas quando lá foram colocadas. Como vimos, elas estavam meio consumidas, o que indica que elas estiveram acesas durante cerca de duas horas. O mostrador do relógio piscando no quarto da vítima marca 00:40, o que significa que a corrente eléctrica voltou 40 minutos antes.

Considerando o tempo calculado que as velas no posto da GNR estiveram a arder e a hora marcada no relógio, concluímos que o corte de corrente teria durado cerca de duas horas – o que é confirmado pela Fulgência, que não serviu o chá às 17h00, como de costume, por isso não ser possível. Naturalmente por estar às escuras. Em Dezembro num dia de temporal às 17 horas praticamente já é noite.

Esta explanação tem por finalidade apenas justificar a resposta certa.

Leonardo respondeu que desde as 16h00 estivera na varanda observando a fúria da natureza. Pode parecer uma resposta descabelada, mas eu muitas vezes, quando tenho oportunidade, faço isso, pelo que considero uma resposta aceitável. Na verdade, uma tempestade, embora perigosa, é digna de ser admirada.

Paulo afirmou que tinha chegado a casa cerca das 17h00 e já chovia a bom chover. Tomou um banho e vestiu-se como nós o vimos. A roupa molhada, no quarto de banho, é a confirmação daquilo que ele diz. Claro que isto não seria impeditivo para que ele fosse o autor do crime, mas como não temos nada mais evidente deixamos este suspeito em suspenso.

Não encontramos qualquer motivo para acusar a Fulgência, mas tal como no caso anterior também nada impede que ela tenha a sua própria culpa.

Finalmente o Vítor, que afirma ter estado toda a tarde a fazer um trabalho no computador. Como

vimos, no quarto dele há um computador de secretária que precisa de energia eléctrica para trabalhar.

Portanto, não havendo energia desde perto das 17h00, concluímos que Vítor está a mentir; logo, a solução certa deste problema encontra-se na alínea C — O assassino foi o Vítor.

Policiário nº 1232 – Público de 15 de Março de 2015

CAMPEONATO NACIONAL E TAÇA DE PORTUGAL 2015

PROVA Nº 2

PARTE I

A MORTE DE ANÍBAL CALDEIRA – O BANQUEIRO

Original de SETE DE ESPADAS

PARTE II

AS RIQUEZAS DESAPARECIDAS

Original de FARAÓ

A MORTE DE ANÍBAL CALDEIRA – O BANQUEIRO

Original de SETE DE ESPADAS

Uma vez, já lá vão muitos e muitos anos, lembro-me que, no célebre Café Martinho (hoje, um banco), onde, ao tempo, se reunia uma das mais numerosas e aguerridas Tertúlias da época, em conversa com o Joe Match – não sei se vocês se recordam dele e do seu perfil esguio, cabelos levemente alourados, de casaco axadrezado e sempre sobraçando milhentos “problemas de Rádio”, até chegar a essa formidável “invasão da Terra pelos marcianos”!... – dizia-me ele:

– “Sete”, fiz um problema que é uma espécie de sinopse de um grande relatório – assim como o extrair, de um texto grande, só o que “nos convém”!

– Já não é a primeira vez... respondi! Tens em “Um Crime a Bordo”, de Dennis Wheatley, o “clássico” do género: Cópias de telegramas... Relatórios... Apontamentos do agente investigador... Fotografias dos quartos... Inventários dos objectos... Fotografias de todos os suspeitos... Impressões digitais... Cabelos... Pontas de cigarros... Fósforos queimados... até chegares à própria confissão, escrita, do assassino...

– Não é bem isso, “Sete”!... Isso é demais para mim... O que pretendo é mais ou menos isto...

E, sem me dar tempo para mais, já estavam folhas de papel estendidas pelo amplo tampo de mármore da pesada mesa, onde as mãos esguias do Joe Match seguravam e garatujavam os seguintes elementos:

1) Aníbal Caldeira é um conhecido banqueiro que aparece morto, no seu gabinete, à 1 hora da madrugada de 9 de Abril...

2) Lualda, sobrinha, é quem dá com o corpo, quando vai desejar “boa-noite” ao tio...

3) O corpo está caído de costas, ao comprido, sobre a alcatifa, segurando na mão direita uma Star... com silenciador...

4) De cabelos em desalinho, face magra contraída, lábios fortemente cerrados, tem um orifício quase a meio da testa, sobre o sobrolho direito, de onde partia um fiozinho de sangue já coagulado...

5) Apesar da sua fortuna pessoal ser considerada significativa, os negócios do banqueiro – segundo investigações feitas – corriam mal...

6) Pelo testamento encontrado, era beneficiária a sobrinha, que retiraria 1/3 do “bolo” para o secretário e pequenos legados para os serviços...

Achei, quanto a mim, que a ideia estava a ser bem esquematizada e logo ele me atirou com novas “fichas” – a que pomposamente dava o título de “extractos dos interrogatórios”...

Cozinheira:

Esperava Lualda na cozinha, quando esta entrou a correr, gritando que o tio estava morto... Acordara depois o criado, participando-lhe o facto...

Criado:

Afirmara que o banqueiro estava vivo à meia-noite e meia hora, quando lhe fora levar o habitual cálice de “gin”, que o banqueiro sempre bebia antes de se deitar... Depois, ele próprio se fora deitar, só acordando quando a cozinheira o chamara...

Secretário:

Fora ao cinema... Regressara perto da meia-noite e encontrara Lualda no corredor, quando ela se dirigia para a casa de banho. Ele subira para o seu quarto, no primeiro andar... Mas, antes de subir, e ao passar pela porta do gabinete de Aníbal Caldeira, tivera a impressão de que qualquer coisa pesada caía... Ainda estivera para bater, mas, depois, pensara nas cenas do filme policial que vira e rira-se, por se julgar influenciado... Afinal... Só quando sentira grande reboição por toda a casa descera, tendo, então, a cozinheira, Lualda e o criado contado que o banqueiro estava morto... Telefonara imediatamente à polícia, visto que ainda ninguém o fizera... E fora, depois, ao gabinete da vítima, ver o corpo... Aí, encontrara aquele pedaço de vidro oblongo, que lhe parecera do relógio do patrão... (Não se confirmou.)

Aqui, olhámos um para o outro... Sorrimo-nos... Vários pormenores – aqueles pequenos nada que jamais passam despercebidos a qualquer “detective”... – faziam-nos pensar no “problema” que era a morte do banqueiro... e que esta fora um...

Deixei que o Joe arrumasse todas as suas folhas e “fichas” dispersas...

E... muitos anos depois – esta história passou-se, algures, no fim de uma tarde ventosa e húmida de Dezembro de 1948 e foi escrita em 1975 – cabe-me perguntar:

1 – Crime ou suicídio? Porquê?

2 – Faça um relatório do caso, focando todas as contradições...

Policário nº 1230 – Público de 1 de Março de 2015

SOLUÇÃO

O nosso amigo Sete de Espadas organizou esta “Morte de Aníbal Caldeira – o Banqueiro” como um problema aberto e, por isso, não fez a solução oficial, dado que, com aqueles elementos, era possível optar, com suporte textual, por mais de uma hipótese de criminoso!

Criminoso (a, os), sim, pois de crime de tratava. E os elementos estão todos lá, sendo esses pormenores de ordem técnica (objectivos) os responsáveis pela perda de pontos de bastantes concorrentes.

O facto de não ter sido encontrada, no local do crime, a cápsula que a Star ejectou (pormenor que escapou a alguns – mesmo totalistas, já que acertaram nos outros todos), o aspecto do buraco de entrada da bala, a quase total “limpeza” da sala, a posição do corpo, a arma na mão (para mais com silenciador), a presença de um silenciador, a porta não fechada por dentro, o local de entrada do tiro, o aspecto da cara e da cabeça da vítima, um caco (apenas) de vidro (não pertencente ao relógio do morto)... tudo isto (pelo menos) indiciava e provava que não tinha sido suicídio (não nos é referido se a arma continha – ou não – impressões digitais).

Quanto ao criminoso, a maioria optou pelo Secretário, dado ele ter, aparentemente, mostrado que sabia demasiado, ao precipitar-se para chamar a polícia, sem se certificar de que o patrão estava (mesmo) morto e sem que, pelo texto, alguém lhe tivesse dito a causa da morte!

O Criado também recolheu uma boa dose de suspeição, por ter sido a última pessoa a vê-lo e o corpo ter sido descoberto com o sangue já coagulado, numa época do ano em que costuma estar frio. Esta dedução é feita com as reservas de não podermos saber quem fornece esse elemento (as pessoas que viviam em casa ou a polícia; logo, a que horas foi constatada a coagulação).

O facto de a cozinheira estar no seu posto à 1 hora e à espera da sobrinha da vítima, pareceu, também, muito suspeito. Daí, o cenário de uma cumplicidade (até total) ter sido sugerido...

Como muitos disseram, com tais declarações, todos tinham de ser, cuidadosamente, interrogados de novo, pois, como alguém disse, com tais elementos nenhum tribunal condenaria ninguém!

Numa coisa estamos todos de acordo – o móbil do crime: alguém quis fechar a torneira antes que a água acabasse (ou seja, antes que a ruína do banqueiro fizesse desaparecer o dinheiro que ele tinha legado)!

Policiário nº 1237 – Público de 19 de Abril de 2015

AS RIQUEZAS DESAPARECIDAS

Original de FARAÓ

A mansão era imponente, situada em lugar de relevo, no cimo de um cabeço cuidadosamente arrelvado, rodeado de vegetação luxuriante e bem tratada.

Foi construída por um nobre de ascendência inglesa, um viajante inveterado que se apaixonou pela ancestral cultura egípcia, tendo andado em escavações algures pelo Nilo, até a idade o conduzir até este local repousado, onde fez construir a mansão e terminou os seus dias.

Agora eram os filhos quem a habitavam, tendo mantido praticamente toda a traça original e a decoração que o pai introduzira, com baixos-relevos egípcios, peças artísticas e objectos de gosto duvidoso, todos vindos da terra das pirâmides, provavelmente à revelia das autoridades.

No cofre, situado na biblioteca, a fama fazia constar que havia documentos e preciosidades que ultrapassavam a imaginação e todas as pessoas que passavam pela mansão, em trabalho ou em visita social, eram levadas a acreditar que havia uma enorme fortuna por detrás daquelas portas pesadas e resistentes, praticamente inexpugnáveis para quem não dispusesse da chave milagrosa e do segredo.

Naquele dia, Jack regressou de Londres, fez uma paragem em Lisboa, para efectuar algumas compras que programara, antes de se dirigir para a mansão, onde foi saudado pelos irmãos, John e James. Mas a vedeta maior deste reencontro foi o cãozito, ainda pequenote que Jack trouxe, adquirido numa loja de Lisboa.

– Olhem só para este cão e vejam se não vos desperta nenhuma recordação...

– Jack, é igual aos cães que aparecem nas tumbas que o pai estudava!

– Tal e qual! Tinha de o trazer, parecia que me pedia para o adoptar! Digam olá ao Enji!

Nessa noite, cálida e serena, depois do animado jantar, servido pela velha criada que já vinha dos tempos do pai, cada um foi à sua vida. A criada recolheu à cozinha, depois de levantar a mesa; John foi para a sala de estar, assistir a um programa televisivo que não pretendia perder; James subiu ao seu quarto, no piso superior, porque queria ver se uns e-mails urgentes haviam chegado; Jack instalou a coleira no Enji e levou-o a passear pelo relvado.

Algum tempo depois, uma gritaria irrompeu do escritório. A velha criada viu o cofre aberto, vazio e alguns papéis espalhados pelo chão e viu logo que alguma coisa de anormal se passava, porque sabia

que “os meninos” eram muito organizados e, em tantos anos, nunca vira tal coisa.

Um a um, foram chegando, primeiro John, que estava na sala ao lado, depois James, alertado pelos gritos e finalmente Jack, com o Enji.

As jóias, os objectos de ouro, o dinheiro, tudo desapareceu. Só os títulos e escrituras ficaram espalhados pelo chão.

Não havia marcas de arrombamento no cofre ou nas janelas, que estavam todas fechadas por dentro.

John: Estive na sala de estar a ver o meu programa de televisão favorito. Quando acabou, fui um pouco até lá fora, apanhar o ar fresco e vi o Jack a passear o Enji, saindo o portão com um saco do lixo na mão. Fiquei algum tempo lá fora, ao fresco e quando o Jack já fechava o portão, ouvi os gritos da Maria e corri para a biblioteca. Ela estava em pranto por ter visto o cofre vazio e os papéis espalhados. Vi logo que houve um roubo. Cada um de nós tem uma chave do cofre, que anda sempre connosco e sabe o segredo. Como é que o ladrão entrou e abriu o cofre, não sei. É muito estranho.

James: Estava no meu quarto a consultar e-mails e a navegar na net quando ouvi os gritos da Maria. Desci as escadas e ao chegar à biblioteca já lá estava o meu irmão John. É claro que tenho chave, que anda sempre comigo e sei o segredo, tal como os meus irmãos. Não percebo como é que algum ladrão conseguiu abrir o cofre, ou então alguém se esqueceu de o fechar, mas não eu porque há muito tempo que não o abro.

Jack: Fui passear o Enji. Aproveitei para levar um saco com lixo para meter no contentor que fica do outro lado da rua. Lá, o Enji ouviu alguma coisa e desatou a latir. Ouvi alguma coisa e agora vejo que se calhar era o ladrão a fugir, mas custa a acreditar. Quando estava a fechar o portão, vi o John à entrada da casa e logo depois vi-o correr para dentro. Ao entrar, vi a agitação na biblioteca e soube do roubo. Não sei bem o que lá estava dentro. Estive estes dias em Londres, mas o meu irmão já me disse que as jóias, os objectos de ouro e o dinheiro desapareceram. A chave está sempre comigo e conheço bem o segredo, tal como os meus irmãos.

Nenhum deles sabia bem se o seguro cobria ou não os danos, porque ainda era do tempo do pai. Mas a convicção de todos era que não, porque alguns dos objectos de ouro eram muito valiosos, mas obtidos pelo pai de modo pouco claro, trazia-os das escavações e por isso não acreditavam que uma companhia de seguros aceitasse coberturas assim.

O visionamento das filmagens, das câmaras de vigilância, que controlavam o jardim, não revelou qualquer presença estranha, se bem que houvesse um ou outro ponto morto.

Quem terá roubado o conteúdo do cofre?

- A – John
- B – Jack
- C – James
- D – Um ladrão do exterior

Policário nº 1231 – Público de 8 de Março de 2015

SOLUÇÃO

A alínea correcta é a B – Jack.

Na história há um pormenor que não joga e esse tem a ver com a descrição que Jack faz do seu passeio até ao lixo. Afirmo ele que o seu cão ladrou para algum eventual intruso que andasse por ali, potencialmente o ladrão das riquezas. O pormenor que não encaixa na história é o facto da raça do cão, que aparece nos túmulos egípcios que os arqueólogos estudam, ser a Basenji, uma espécie de origem africana que tem a particularidade de não conseguir ladrar, mas apenas emitir uma espécie de gemido, semelhante aos grunhidos de porcos de pequeno porte. A conclusão será óbvia: o lixo que Jack afirma ter levado para o contentor, não era bem lixo, mas sim as riquezas desviadas de casa e a invenção do intruso não foi nada feliz. Está encontrado o larápio!

Policiário nº 1237 – Público de 19 de Abril de 2015

CAMPEONATO NACIONAL E TAÇA DE PORTUGAL 2015

PROVA Nº 3

PARTE I

TEMPICOS E A MÚSICA DE ÁGUA FURTADA

Original de A. RAPOSO & LENA

PARTE II

SURPRESA!

Original de MARISCO MARADO

TEMPICOS E A MÚSICA DE ÁGUA FURTADA

Original de A. RAPOSO & LENA

Se quiserem saber onde actualmente mora Tempicos, tomem nota: Rua do Norte, Bairro Alto, Lisboa, numas águas furtadas, com vista para o rio. Uma casa às vossas ordens.

É para lá que leva de quando em vez, as suas amigas do peito, para lhes servir uma amarguinha ou se preferirem observarem, da janela, o movimento dos navios.

Para embalar o tempo ouve-se uma misteriosa música de fundo de um infindável disco de jazz. *Música de água furtada*. Afirmo Tempicos. Música que usa para criar um clima romântico susceptível de derrubar corações indecisos. Tempicos continua um indesmentível pinga-amor.

Nos dias de verão o sol entra pela janela e aquece o quarto, iluminando a velha colcha de patchwork na cama de ferro.

A suster a parede de fundo um velho psiché – fin de siècle – o qual tem em cima uma estranha moldura dourada, composta por um pano bordado a ponto cruz com umas letras sem nexos. Um enigma que nenhuma senhora, até hoje, das que lá tem ido a casa, decifrou. Nem mesmo a arguta dona da pensão Kumbala, uma velha amiga e personagem de outras histórias, a Fatinha.

São umas misteriosas 15 letras: RAECMOMSIEIOOPT.

A malta da Judicária tinha-lhe oferecido o quadro quando se reformou. Um enigma. Ele achou piada.

Aos pés da cama uma estante com a colecção completa dos policiais Vampiro, para as noites de insónias. Encimando a estante um óleo de Egon Schiele, um dos seus pintores preferidos. Comprara-o em Paris. Uma pechincha, num antiquário falido, em Montmartre, no meio de outras velharias. A tela era uma obra, datada (1913) e assinada, conhecida como “*declined female nude with legs spread apart*”.

Não seria de admirar se lhe oferecessem um milhão de euros, se a pusesse à venda. Comprara-a por 100 ou 200 francos, quando da sua passagem última pela cidade luz.

Tempicos vive sozinho – é solteiro e bom rapaz – mas acontece que anda sempre bem acompanhado. Ao seu lado na cama, está a sua mais recente amiga. Conheceu-a debaixo de um toldo na praia da Rocha, este Verão e acabou vindo com ela no seu velho “studebaker” descapotável, dos anos 50. Um carro antigo, recuperado e muito bem tratado. Amarelo gema de ovo. Lindo de morrer. Ela veio todo o caminho de cabelos louros ao vento. De nome indizível – rapariga do leste – mas que traduzido será

Carla Vanessa.

Um nome que lhe fazia lembrar outros Carnavais.

A pequena era estudante Erasmus, na área das “letras”. Tudo a ver com Tempicos. Interesse pelos clássicos e pelos copos. *Fifty-fifty*.

Na mesa-de-cabeceira um cartucho com pastéis de Belém. Os originais. Sempre dão jeito quando a noite é longa e a fome aperta. Um entretém de boca.

A conversa entre eles era a mais elevada. Discutiam o sexo dos anjos, um tema sempre quente e actual.

E enquanto a conversa se alonga pela noite dentro e a música de fundo os embala, a nossa história se esfuma, apetece perguntar aos amigos leitores:

- Será que Tempicos virá a ser um homem rico se puser o quadro do Schiele à venda na Christie’s?
- Qual a frase enigmática que está bordada a ponto cruz no quadro sobre o psiché?

Policário nº 1235 – Público de 5 de Abril de 2015

SOLUÇÃO

Este caso apresenta duas questões e a primeira é: Será que Tempicos virá a ser um homem rico se puser o quadro do Schiele à venda na Christie's?

A resposta é não.

Porque analisando a descrição do quadro se conclui que é falso. O original está no Museu Albertina, na Áustria e não é um quadro a óleo, o suporte não é tela. Trata-se de um trabalho a lápis e guache, sobre papel, e pintado em 1914 e não em 1913.

Quanto ao enigma de 15 letras bordadas também não é difícil descobrir. Pode-se chegar lá por mera analogia e tentar utilizar palavras que supostamente o trabalho deverá conter. Se pensarmos na palavra Tempicos lá encontraremos todas as letras do detective. As letras sobrantes após breves combinações levam-nos à solução:

“Tempicos é o maior”.

Se quisermos reconstituir o enigma pelos processos tradicionais faremos a inversão ao processo que nos levou ao enigma, a saber:

Escrevamos a frase “Tempicos é o maior” num retângulo com 5 letras de largura e três de altura, escrevendo de cima para baixo e da esquerda para a direita.

Depois transcrevemos as três linhas de letras horizontais, umas a seguir às outras. Por fim transcrevemos do fim para o princípio.

Chama-se a esta forma de encriptação o método chinês. Vem descrito no livro do nosso confrade Constantino “Enigmística Policiária” (APP) na secção das cifras.

Chega-se lá de qualquer maneira. Quem não conseguir – perde pontos. É a vida.

Policiário nº 1242 – Público de 24 de Maio de 2015

SURPRESA!

Original de MARISCO MARADO

“Cheguei a casa e senti logo o cheiro do perfume que a minha mulher usa em ocasiões especiais. Fui para a cozinha. A panela de alumínio estava tapada e o vapor saía furiosamente pelo bordo, levantando e baixando, ritmadamente, o testo. A sapateira já devia estar desfeita, pensei. Assim que olhei para o lado, vi o corpo da minha mulher estendido no chão com um buraco na face. Vi logo que era de um tiro e que estava morta. Só desliguei o bico do gás e pelo meu telemóvel chamei a polícia e esperei na porta de entrada da casa”.

Mostrou a mensagem recebida da mulher a meio da tarde, no telemóvel, quando ainda estava no escritório: “Hoje vais ter uma surpresa ao jantar!”

– E que surpresa, comentou o inspector depois de passar a pente fino o local, sem nada encontrar de especial, enquanto abria a porta do frigorífico e via uma esplêndida sapateira, pronta a ser cozinhada...

A – Foi morta pelo marido porque não aparece a cápsula da bala.

B – Foi morta pelo marido que se denuncia ao descrever o que viu e sentiu.

C – Foi morta pelo marido que se denuncia com a mensagem recebida.

D – Foi morta por um estranho que escondeu os indícios.

Policiário nº 1236 – Público de 12 de Abril de 2015

SOLUÇÃO

A resposta certa é B.

O investigador verificou que no frigorífico estava uma sapateira pronta a ser cozinhada, portanto, em estado cru. Pela descrição do marido da vítima, este sentiu o odor do perfume da mulher assim que chegou a casa e depois notou que a panela estava a libertar vapor. Não fala de ter ido ao frigorífico pelo que não poderia saber que havia uma sapateira para cozinhar. E se esse vapor fosse de cozinhar marisco, o odor que ele sentiria não era do perfume da mulher.

Como ele afirma que a sapateira já devia estar desfeita de tanto cozinhar, é porque abriu o frigorífico e viu lá a sapateira, uma vez que a mensagem da mulher lhe falava de uma surpresa sem qualquer outra referência.

Policário nº 1242 – Público de 24 de Maio de 2015

CAMPEONATO NACIONAL E TAÇA DE PORTUGAL 2015

PROVA Nº 4

PARTE I

CRIME NA BIBLIOTECA

Original de PAULO

PARTE II

D. PAYO QUE ESTÁS NO CÉU

Original de A. RAPOSO & LENA

CRIME NA BIBLIOTECA

Original de PAULO

O inspetor Marco Dias ouvia o que as pessoas que estavam presentes na casa onde ocorrera a tragédia lhe diziam. Ia anotando lentamente e questionando ainda com mais vagar.

Leonardo Sá estava morto. Ninguém da casa ouvira o tiro. Não ouvira quem estava e muito menos quem dizia que não estava.

Numa primeira estimativa, baseada na temperatura corporal e na temperatura ambiente, a médica legista apontara para um intervalo entre as 14 horas e as 16 horas para o óbito.

Marco Dias olhou o relógio enquanto mentalmente gravava as palavras que ouvia, registando apenas vocábulos soltos, mais para que os seus ouvintes se concentrassem no que diziam, do que pela necessidade de os escrever para que ficassem na sua memória.

– Saí de casa antes das duas horas da tarde, dizia Maurício Sá, irmão da vítima. Fui para a empresa e o meu irmão ficou em casa, afirmando-me que lá iria ter mais tarde.

Éramos sócios na Orbefer, que felizmente se encontra num momento de grande sucesso e expansão nas vendas para alguns países europeus.

Estranhei o meu irmão não aparecer, mas já não era a primeira vez que o fazia. Nem sempre era muito cumpridor.

A uma nova pergunta do inspetor Marco respondeu.

– Não consigo arranjar quem tenha estado sempre junto de mim na empresa. Houve períodos em que estive sozinho, por bem mais do que meia hora, e não posso provar que não saí de lá. Assim que me telefonaram, pelas cinco e meia vim logo. Demorei pouco mais de 10 minutos. Quando cheguei subi à biblioteca. Depois chamei a polícia.

Quem me telefonou? Foi o meu sobrinho.

O sobrinho, Cláudio, filho de uma irmã de Leonardo, falecida com o marido num acidente de automóvel, acabara por ficar entregue aos cuidados dos dois tios, Maurício e Leonardo, todos a morarem no velho palacete familiar que vinha pertencendo à família desde pelo menos metade do século XVII.

– Saí antes das duas, cheguei perto das cinco e meia e encontrei a minha tia em pânico, movendo-se

de um lado para o outro sem saber o que fazer.

Marco Dias limpava o suor da testa naquele fim da longa tarde de um quente dia de Junho, enquanto via o desfilar dos técnicos encarregados de examinarem o local do crime.

A voz de Cláudio continuava.

– Ela estava muito agitada. Ainda antes de entrar na biblioteca vi pela porta aberta o tio Leonardo caído numa poça de sangue. Não vi arma nenhuma, pelo que não duvido que foi um crime. Motivo, não encontro, pois parece que nada foi roubado.

Problemas aqui em casa? – uma pausa que se prolongou no tempo – os meus tios estavam a meio caminho do divórcio, mas isso não é bem um problema. É um facto normal e comum.

Onde estive? Na praia. Sem ninguém conhecido que me visse, ou que pelo menos eu tenha visto.

Marco Dias tinha observado a biblioteca onde o corpo se encontrava. A única porta aberta, janelas fechadas e nem sinal da arma. Um tiro no peito da vítima, com aparência física de ter sido disparado a cerca de um metro de distância. Como não havia cápsula, ou fora um revólver a arma disparada ou quem cometera o crime levava-a.

A viúva, Donzília, antiga campeã regional de tiro, modalidade onde conhecera o marido e o cunhado, também praticantes, falava com dificuldade.

– Entrei em casa pelas cinco e um quarto. Desde as três horas até depois das cinco estive deitada na piscina, à sombra, nas traseiras da casa. Sabia que iria ficar sozinha em casa quando o Leonardo saísse. Devo ter adormecido algum tempo porque não ouvi nada. Nem sequer um tiro.

A uma pergunta de Marco respondeu.

– Claro que podia ter entrado alguém que fosse falar com o Leonardo, sem que eu me apercebesse. Bastaria ele abrir-lhe a porta da frente.

Quando subi, fui à biblioteca pousar um livro que tinha levado para a piscina e logo que abri a porta deparei-me com o Leonardo morto. Vim para fora sem saber muito bem o que fazer. Devo ter entrado em choque.

Foram momentos terríveis. Felizmente chegou o Cláudio que telefonou ao meu cunhado, e depois telefonaram à polícia.

Marco Dias regressou à biblioteca onde um técnico lhe deu uma primeira informação sobre as impressões digitais encontradas. Havia vários conjuntos de impressões, com exceção do puxador da porta, que deveria ter sido limpo pelo assassino e que não possuía qualquer impressão. A comparação com as impressões dos residentes seria feita posteriormente.

Marco mergulhou nas estantes repletas de livros e lá estava o volume indicado por Donzília.

Regressou à sala onde Maurício, Donzília e Cláudio aguardavam.

Armas em casa? Existia, ou deveria existir, uma, legalizada, numa gaveta da biblioteca, mas costumava estar descarregada.

Uma nova busca e verificaram que a arma desaparecera.

Fora gente da casa ou um estranho? O calor não facilitava o raciocínio, mas Marco Dias lá ia alinhavando ideias sobre o caso, tentando ordenar uma resposta à pergunta que fizera a si próprio.

Pergunta-se:

Perante os dados fornecidos, o que é que Marco poderia ir pensando sobre a morte de Leonardo?

Policiário nº 1239 – Público de 3 de Maio de 2015

SOLUÇÃO

As declarações de Donzília não se ajustam aos factos pelo que provavelmente será a assassina.

1 – Donzília diz que abriu a porta da biblioteca. Não sendo previsível que usasse luvas, por ser um quente dia de verão, teria deixado impressões na porta. No entanto não existem impressões no puxador.

Cláudio não deveria deixar impressões digitais pois encontrou a porta aberta e não precisou de mexer no puxador.

2 – Tendo Donzília visto o marido morto, e trazendo um livro na mão, foi primeiro arrumar o livro na estante. Estranho comportamento, nada adequado a quem acaba de encontrara o cadáver da pessoa com quem estava em casa, com indícios de ter sido assassinado.

3 – Donzília terá, por motivos não explícitos, assassinado Leonardo. Apesar de planear a acção, atribuindo o crime a um estranho que teria limpo as suas impressões digitais, esqueceu-se que para abrir a porta teria que deixar as suas no respectivo fecho.

Ao fazer limpeza demonstrou que não entrou na biblioteca da forma como descreveu.

4 – Como era boa atiradora, não teve dificuldade em disparar e teve mais de duas horas para fazer desaparecer a arma, num qualquer local longe de casa.

5 – Perto da hora em que sabia que o sobrinho regressaria, aguardou junto da biblioteca, tendo antes escolhido o título de um dos livros das estantes para justificar alguma ocupação na piscina.

6 – Seria possível não ouvir o tiro. Bastaria estar a dormir, e o local e a hora a isso se proporcionavam, e ficaria justificado o facto, pelo que esse não seria um factor que a incriminaria.

7 – Temos assim um facto objectivo na sua incriminação: ausência de impressões digitais dela no fecho da porta da biblioteca, e um facto subjectivo: A estranheza de ter a serenidade de arrumar o livro no seu lugar, quando encontrou Leonardo morto.

Policiário nº 1246 – Público de 21 de Junho de 2015

D. PAYO QUE ESTÁS NO CÉU

Original de A. RAPOSO & LENA

Como os meus amigos muito bem sabem e se não sabem ficam a saber, D. Payo um ilustre e antigo português dos sete costados foi assassinado. Ele que era amigo e companheiro de armas do que viria a ser rei o Mestre de Avis.

E tal facto não sucedeu somente para que um problema policial se fizesse. Nada disso. D. Payo foi assassinado e nunca se soube quem o matou. Muito menos o porquê. O como ainda foi possível coligir. Foi assassinado com um punhal que lhe entrou nas costas apanhou o carinhoso coração e faleceu definitivamente.

Atendendo à sua posição social, à feitura de obras pias, e ainda à indesmentível fé, seguiu para o Céu, sem favores, sem cunhas, simplesmente por mérito próprio.

Foi uma entrada direta, sem paragens ou desvios. Homens como D. Payo, raramente se encontram mesmo procurando muito.

Quando chegou ao Céu, introduziu nos hóspedes o gosto pelas artes. A harpa e a dança passaram a ser o passatempo mais useiro.

Porém, andar a tocar harpa, saltitando de nuvem em nuvem também satura. Com o passar dos anos começou a chegar o pessoal que vinha do limbo onde havia há imenso tempo obras. Começaram todos a ficar apertadinhos e aborrecidos como sucedeu posteriormente nas urgências dos hospitais do SNS.

A malta do limbo era rebelde e não acatava as ordens. Aos poucos o Céu era um autêntico Inferno.

Muita gente ligada ao empréstimo de dinheiro a juros, e até consta que o jogo da “vermelhinha” já era praticado às escâncaras pois o Mestre S. Pedro estava com cataratas e tudo lhe passava ao lado. A rapaziada chamava ao jogo da vermelhinha o “Banco bom” vá-se lá saber porquê.

D. Payo bem tentava manter o nível, mas em vão, as más condutas tinham substituído os bons costumes. E é já nesta fase de bagunça que aparece um personagem que vem estragar ainda mais o clima.

Do Convento da Conceição de Beja, apresentava-se a freira D. Mariana Alcoforado.

Uma figura cuja guia de marcha indiciava uma senhora virgem e pura. Causa mortis: Amor não correspondido.

Além de cartas de recomendação trazia na ponta da língua uma história que não condizia muito com a condição de freira.

E não teve o menor pejo em acusar D. Payo (que aliás afirmou não a conhecer de lado nenhum) de ser um femeeiro do pior e ter desgraçado, lá no Convento, três noviças, duma assentada. D. Mariana afirmou e jurou que era verdade e ela própria observou, escondida atrás da porta da sacristia.

D. Payo nem sabia como se defender. Afirmou que nem conhecia Beja. Tampouco Mariana e não era homem para essas coisas. Apresentava-se como um respeitador de virtudes, com um passado por todos reconhecido. Nos tempos escolares tinha por alcunha o “rebuçado de alteia e mel”, entre a estudantada.

Mas nada melhor que um pequeno escândalo para arrebitar as orelhas ao pessoal e o pior é quando o individuo é condenado na praça pública. Acaba politicamente morto e o pior ainda poderia surgir: as fugas de informação que passavam entre as nuvens.

O pessoal sabia que D. Mariana Alcoforado tinha fama de alcoviteira, tinha a mania de escrever umas coisas e apesar de estar no Convento desde os 12 anos, constava que tinha tido um amor com um nobre. Talvez um amor platónico. Nestas coisas o melhor é não dar importância ao diz que disse pois até nós gostamos de uma história com um bom escândalo mas não gostamos que se saiba. Por isso: cala-te boca.

Pergunta-se aos nossos leitores e pede-se que escolhem a frase verdadeira dentre as seguintes:

- 1 – D. Payo está inocente.
- 2 – D. Payo é culpado dos delitos apontados pela freira.
- 3 – Dona Mariana Alcoforado diz-se que se enamorou dum Marquês Espanhol.
- 4 – Consta que o livro “les lettres françaises” foi escrito pela Mariana Alcoforado.

Policário nº 1240 – Público de 10 de Maio de 2015

SOLUÇÃO

A resposta certa é a que D. Payo está inocente.

D. Payo foi contemporâneo do Mestre de Avis – século XIV.

Mariana viveu no século XVIII.

Não era possível a D. Payo estar presente em Beja no tempo da freira Mariana Alcoforado.

Policário nº 1246 – Público de 21 de Junho de 2015

CAMPEONATO NACIONAL E TAÇA DE PORTUGAL 2015

PROVA Nº 5

PARTE I

A CONFRARIA DOS GÉMEOS

Original de ZÉ COXO

PARTE II

QUEM OKUPOU O PALCO?

Original de ZÉ DA CLAQUE

A CONFRARIA DOS GÉMEOS

Original de ZÉ COXO

Os irmãos Costa Pereira são três dos mais influentes membros da Confraria dos Gémeos, agremiação a cujos destinos presidem vai já para três anos na qualidade de diretores únicos. Iguais como gotas de água, eles apenas se distinguem por pequenos traços particulares. Jorge é neste momento facilmente reconhecido pelo seu forte coxear, resultado de um muito recente acidente de caça que causou grandes estragos na sua perna direita. José é desde quase sempre identificado pela sua acentuada gaguez, fruto de um tremendo susto sofrido quando criança. E Jacinto apresenta como traço distintivo uma indisfarçável cicatriz junto do sobrolho esquerdo provocada por uma infeliz brincadeira dos seus tempos de adolescente, no recreio da escola.

É dia de comemoração de mais um aniversário da Confraria dos Gémeos e o detetive Fagundes dirigiu-se de urgência para o local, por solicitação de um antigo colega da Polícia Judiciária que ocupa agora lugar destaque nesta organização. Um dos irmãos Costa Pereira fora avistado numa cidade do sul do país, a cerca de 400 quilómetros de distância, a cometer um hediondo crime. O que, aliás, não surpreendeu ninguém na Polícia Judiciária, uma vez que há muito se suspeitava que os três irmãos estavam associados a uma perigosa rede de delinquentes que tem vindo a cometer diversas atrocidades criminosas de norte a sul de Portugal, espalhando o terror por onde passam e deixando marcas profundamente traumáticas entre as suas vítimas.

Fagundes deambulava pelo salão de festas da Confraria dos Gémeos quando um dos irmãos Costa Pereira chegou. Sempre agarrado a uma elegante bengala, o gémeo foi estendendo a sua mão direita a alguns dos presentes enquanto caminhava com aparente dificuldade rumo à sala de reuniões, onde os elementos da direção da Confraria decidiriam a atribuição do Prémio 'O Gémeo do Ano'. Havia em cada rosto dos presentes sinais de alguma ansiedade e expectativa, se bem que se murmurasse entre dentes que aquela distinção já estava há muito destinada a um dos diretores. Mesmo assim, notava-se uma réstia de esperança nos olhares de muitos dos gémeos de que aquele galardão viesse a distinguir outro dos confrades e não os do costume...

Pouco tempo volvido surgia no palco um dos gémeos Costa Pereira, apresentado como presidente da direção da Confraria, para anunciar o veredito. A luz dos projetores fez sobressair uma pequena

cicatriz que, segundo algumas das senhoras presentes, lhe dava um certo encanto. «E o vencedor é...». O resultado já era o esperado por quase todos. A direção da Confraria distinguiu, pelo terceiro ano consecutivo, um dos gémeos Costa Pereira. O seu discurso de vitória foi divertidíssimo, arrancando grandes gargalhadas. O laureado subiu rápido ao palco, mas levou bem perto de dois minutos para dizer simplesmente:

«Oooo.briiii.bri.bri.brii.ga.ga.gaaaa.do.do.doooo!».

Fagundes está intrigado. A testemunha que denunciara um dos gémeos como autor de um crime cometido há pouco mais de meia hora era absolutamente credível e ela garantia ter visto o gémeo coxo matar um abastado industrial a 400 quilómetros dali. «Mas como é isso possível?» – interroga-se o detective.

Policário nº 1244 – Público de 7 de Junho de 2015

SOLUÇÃO

Jorge não esteve na Confraria dos Gémeos no dia da atribuição do prémio 'O Gémeo do Ano'. Ele estava muito distante. A 400 quilómetros dali! O detetive Fagundes viu chegar um dos gémeos Costa Pereira coxeando. Mas não era Jorge. A perna que havia ficado seriamente ferida num acidente de caça muito recente era a direita. Logo, ele teria de andar com a bengala (a que sempre esteve agarrado) na mão direita para aliviar a ferida do peso do corpo. E esta andou a cumprimentar os confrades! Ou seja, o gémeo Costa Pereira que coxeava, ou melhor, que se fazia de coxo, não era Jorge. Mas também não podia ser Jacinto porque o traço distintivo deste era físico e bastante notório. Portanto, o gémeo disfarçado era José. O traço que o distingue dos irmãos não é visível à vista. Ele é gago. E quando entrou no salão de festas não falou. Limitou-se a estender a mão direita a alguns dos presentes e encaminhou-se para a sala de reuniões, onde era suposto estarem os diretores da Confraria. Ou seja, os irmãos Costa Pereira.

Fagundes estava intrigado porque julgava ter visto os três gémeos Costa Pereira nas instalações da Confraria. Mas estava enganado. Ele só viu dois: Jacinto (o da cicatriz no sobrolho), que subiu ao palco para anunciar o vencedor do prémio daquele ano; e José (o gago), que começou por se disfarçar do irmão Jorge, assumindo depois a sua identidade quando foi chamado ao palco como... 'O Gémeo do Ano'.

Policário nº 1250 – Público de 19 de Julho de 2015

QUEM “OKUPOU” O PALCO?

Original de ZÉ DA CLAQUE

Um conhecido e muito contestado empresário teatral português vive um verdadeiro pesadelo. As cartas ameaçadoras que o trazem desassossegado caem quase de hora a hora sobre a sua secretária, trazidas ora pelo ponto, pelo diretor de cena, pelo sonoplasta ou pelo maquinista de cena. O primeiro trouxe-lhe as cartas assinadas pela Comédia, o segundo foi o portador das missivas do Drama, o terceiro foi o mensageiro dos escritos da Tragédia e o quarto foi o emissário da Farsa. Em todas as cartas se manifesta um muito veemente protesto contra o repertório atualmente levado a cena no teatro, exigindo grandes e urgentes mudanças na filosofia da programação, sob pena de serem tomadas medidas drásticas. Preocupado, o empresário não sabe o que fazer.

De súbito, a Revista entra pela porta do escritório do empresário aos gritos: «Vasco, Vasco, estamos perdidos. Os membros da orquestra e do corpo de baile foram sequestrados. As plumas que embelezam os fatos das coristas e as purpurinas que dão brilho às chefes de quadro levaram sumiço, os telões dos dois finais foram danificados... E o palco foi ocupado por um grupo de gente estranha, vestida de trajes de tempos muito remotos, formando uma personagem única que tem por missão contar parte de um enredo. Dois outros tipos mataram-se mutuamente numa batalha e apenas um deles foi sepultado. Por via disso, a irmã destes revoltou-se e exige o mesmo tratamento para os dois, nem que isso custe a própria vida. O tio da rapariga não tolera o seu procedimento. O confronto entre ambos adensa-se e a jovem entrega-se à morte».

Pouco tempo depois, alguns técnicos entram a correr no escritório do empresário. Diz o ponto: «O que faço, Sr. Vasco? Eu não tenho o texto daquela peça, por isso não posso ajudar os atores caso eles precisem». Acrescenta o diretor de cena: «E eu não tenho o guião do espetáculo, não sei quem entra e sai de cena, que mutações são necessárias e em que deixas». Afirma o sonoplasta: «A banda sonora que preparei não se adapta a este tema. Não sei o que fazer». Remata o maquinista de cena: «Eu também não posso fazer nada, a não ser baixar o pano ou deixar seguir o espetáculo».

O empresário questiona-se: «Mas afinal quem ocupou o palco?»

A – Farsa

B – Tragédia

C – Drama

D – Comédia

Policiário nº 1245 – Público de 14 de Junho de 2015

SOLUÇÃO

A resposta certa é B - Tragédia.

Estamos perante um sonho, ou melhor, “um verdadeiro pesadelo”. Só isso explica que o empresário receba cartas de quatro géneros teatrais – de que apenas conhecemos as suas simbólicas máscaras –, que aparentemente ignora ao programar o seu teatro. Os decifradores deste enigma que sejam mais pragmáticos e não aceitem a dimensão irreal dos sonhos poderão considerar que algum (ou vários) dos técnicos poderá estar envolvido na ocupação do palco. Mas o que se pretende é que se diga quem ocupa o palco. E isso, face aos elementos fornecidos pelo autor, só pode ter sido feito por um dos géneros teatrais que ameaçam revoltar-se. E, de entre eles, não há dúvida que só poderá ter sido a Tragédia. Quando se diz que está no palco “um grupo de gente estranha, vestida de trajes de tempos muito remotos (da Grécia Antiga), formando uma personagem única que tem por missão contar parte de um enredo”, não temos dúvidas de que se está a caracterizar o Coro (personagem que tem essencialmente como função comentar os acontecimentos trágicos). E quando se diz que dois tipos se mataram mutuamente numa batalha e que apenas um deles foi sepultado, o que leva à revolta da irmã de ambos, que confronta o seu tio e se entrega depois à morte, estamos face a uma síntese da narrativa de uma célebre tragédia de Sófocles: “Antígona”.

Policário nº 1250 – Público de 19 de Julho de 2015

CAMPEONATO NACIONAL E TAÇA DE PORTUGAL 2015

PROVA Nº 6

PARTE I

ACONTECEU NA NOITE DE S. JOÃO

Original de QUARESMA, DECIFRADOR

PARTE II

ACONTECEU NA ENTRADA DO CLUBE

Original de QUARESMA, DECIFRADOR

ACONTECEU NA NOITE DE S. JOÃO

Original de QUARESMA, DECIFRADOR

A noite estava a decorrer dentro da normalidade, com muitas marteladas e muito alho-porro, não fazendo prever o que me iria acontecer passados poucos minutos. Lá ia eu, deambulando por entre a multidão que naquela noite se divertia na ribeirinha da cidade invicta, quando se aproxima de mim uma bela jovem ruiva. Os seus olhos focaram-se nos meus, fazendo-me sentir uma leve tontura, e quando já estava suficientemente próxima, desferiu uma martelada que me obrigou a cerrar os olhos.

Quando os voltei a abrir, tudo estava diferente. Já não me encontrava na rua. Em vez disso, estava sentado a uma mesa no interior de um café. Um local estranho, rodeado de pessoas estranhas. Quando olhei para o exterior, pela porta aberta, vi algumas pessoas, poucas, de martelo na mão, a desferir os golpes habituais da noite de S. João.

“Não sei onde estou, mas continua a ser a noite de S. João” – lembro-me de ter pensado.

Numa mesa ao lado, dois jovens debatiam um tema que os afligia. Falavam de um conflito que tinha deflagrado em Angola, meses antes, produzindo uma imediata resposta do estado português. Pelo que entendi, parecia que um grupo para a libertação de Angola tinha atacado as forças portuguesas lá estacionadas e os jovens temiam ser mobilizados para participar nesse conflito.

Surpreendido com o que acabara de escutar, dei por mim a olhar na direção de uma parede onde estava pendurado um calendário.

Quando olhei com mais atenção, exclamei: “Não pode ser! Como vim aqui parar?”

Enquanto procurava observar as circunstâncias que me envolviam, apercebi-me que um outro debate aceso decorria numa mesa mais afastada entre quatro homens que pareciam já ter entornado uns copos de um bom vinho de uma casta duriense.

“Achas tu que há alguma dúvida?” – perguntava um deles. “Claro que o padroeiro da cidade é o S. João...”

“Só mesmo tu para acreditares nisso. Pois digo-te que, por muito estranho que possa parecer, a nossa cidade do Porto partilha o mesmo padroeiro da cidade de Lisboa...” – disse um outro – “... S. Vicente!”

Enquanto os dois homens que falaram, argumentavam e contra-argumentavam, os outros dois

sorriam entre eles, até que um interveio.

“Sabem o que vos digo? O padroeiro da cidade do Porto é S. Pantaleão.”

“S. Pantaleão?” – perguntaram em uníssono os dois homens que tinham falado anteriormente. “E quem é esse?”

“S. Pantaleão foi um cristão martirizado pelos turcos aquando da invasão da Arménia no século XV. Pelo que me foi contado, o corpo de S. Pantaleão foi trazido para a cidade do Porto por um grupo de cristãos que fugiu depois da invasão e foi enterrado junto à Sé Catedral onde se encontra até hoje. Acontece que no ano em que trouxeram o corpo quase toda a cidade do Porto foi afetada por uma peste terrível, exceto as pessoas que residiam na proximidade da catedral, onde ele estava enterrado. Imediatamente atribuíram isso a um milagre de S. Pantaleão e ele passou a ser o padroeiro da cidade” – explicou o terceiro homem.

“E tu não dizes nada?” – perguntaram ao quarto homem.

“Não sei se deva dizer alguma coisa ou se não será melhor estar calado” – respondeu.

“Mas, pensando melhor, talvez valha apenas dizer-vos, para vossa informação, que o Porto tem uma padroeira há quase um milénio, embora tenha sido entronizada apenas em 1954, por D. António Ferreira Gomes...”

Precisamente no momento em que estava completamente absorto nesta conversa, senti uma dor imensa na cabeça, que me obrigou a agarrá-la com as duas mãos e cerrar os olhos.

Desta vez, já não fiquei tão surpreendido quando os voltei a abrir. Pelo contrário, tinha à minha frente uma jovem ruiva, assustada. “O senhor sente-se bem?” – perguntou-me ela.

Ao mesmo tempo que me sentia preocupado pelo que me acontecera, também estava curioso pelo final daquela conversa. Embora tivesse noção que algumas das coisas que eu vivenciara nesta estranha “viagem” não batiam certo, também gostava de ter escutado o quarto homem, pois parecia que algumas delas iam ser esclarecidas.

Será que o leitor pode esclarecer tudo aquilo que não bate certo?

Policário nº 1248 – Público de 5 de Julho de 2015

SOLUÇÃO

A conversa entre os dois jovens fez-me perceber que tinha “viajado” até uma noite de S. João no ano de 1961, ano em que deflagrou o conflito militar em Angola. O calendário que estava na parede confirmou isso mesmo.

Na realidade, a cidade do Porto já teve (ou tem) três santos padroeiros. Mas nenhum deles é o S. João. Nas palavras do historiador Germano Silva, o S. João é padroeiro da borga, do folguedo, mas não da cidade do Porto. Os três santos padroeiros da cidade do Porto são (ou foram) S. Vicente, S. Pantaleão e Nossa Senhora da Vandoma.

S. Vicente, o mesmo santo que também é padroeiro da cidade de Lisboa, tal como Santo António, foi considerado o padroeiro principal da cidade do Porto, entre 1025 e 1453. Conta uma história, não confirmada, em que o barco com as relíquias de S. Vicente partira de Lisboa em direção à Galiza e ao passar ao largo do Porto, por razões que se desconhecem, entrou na barra. Corria o ano de 1025. Desde aí, S. Vicente ficou a ser padroeiro da cidade.

S. Pantaleão era médico, arménio e foi, de facto, martirizado. Mas não pelos turcos aquando da invasão da Arménia, em 1453, século XV. S. Pantaleão foi martirizado por decapitação, por se recusar abjurar a sua fé, em Nicomédia, no ano de 303, por ordem do imperador romano Maximiano.

De facto, um grupo de cristãos meteu-se num barco e fugiu da Arménia, na altura da invasão turca, com relíquias do corpo de S. Pantaleão. Vieram pelo mar, entraram no Douro e aproaram em Miragaia e por lá ficaram (data desta altura a conhecida rua Arménia). As relíquias foram recolhidas na Igreja Paroquial de Miragaia, onde ficaram desde a chegada em 1453 até 1499, data em que foram trasladadas para a Sé Catedral.

Miragaia, era constituída na época por uma comunidade de pescadores, marinheiros, calafates e carpinteiros, construtores de navios. Nesse ano de 1453, os habitantes de Miragaia imploraram a proteção de S. Pantaleão para não serem atingidos pela peste que invadia a cidade do Porto. O que é certo, é que a peste não chegou a Miragaia, tendo isso sido atribuído a um milagre de S. Pantaleão, que passou a ser padroeiro da cidade do Porto.

Nossa Senhora da Vandoma foi, efetivamente, entronizada padroeira pelo Bispo do Porto D. António Ferreira Gomes, no ano de 1954. Mas a devoção por esta santa terá surgido por volta do ano 990, há mais de um milénio [ou há quase um milénio, nas palavras proferidas em 1961]. É por isso mesmo que Nossa Senhora da Vandoma ocupa um lugar privilegiado no coração do brasão da cidade do Porto.

Lembram-se de vos ter dito que estava sentado no café, naquele dia do ano de 1961, e que ao olhar

para o exterior tive a certeza que continuava a ser uma noite de S. João, pois as pessoas continuavam a desferir as bem conhecidas marteladas de S. João? Pois é, isso é impossível, já que os martelinhos de S. João apenas foram inventados em 1963.

Tudo começou quando os estudantes pediram a Manuel António Boaventura, industrial de plásticos do Porto, um brinquedo ruidoso para ser usado na Queima das Fitas. O sucesso dos martelinhos foi tal que os comerciantes do Porto também quiseram martelinhos para a Festa de S. João.

Policiário nº 1255 – Público de 23 de Agosto de 2015

ACONTECEU NA ENTRADA DO CLUBE

Original de QUARESMA, DECIFRADOR

Depois de muita insistência, resolvi aceder ao pedido do meu amigo. Ele pretendia entrar num clube de acesso muito reservado e limitado a um grupo muito reduzido de pessoas. Só que para o conseguir precisava de conhecer o código que lhe daria acesso. Por isso, contava com a minha ajuda para a decifração desse código.

Pelo que parece, o acesso ao clube em causa era feito de uma forma muito estranha. Os interessados em participar nas atividades do clube, deviam aproximar-se da porta, bater e aguardar que lhes fosse dada uma informação, enquanto eram controlados por uma câmara colocada sobre a porta. Em seguida, deveriam dizer algo e só seria aberta a porta caso a resposta dada correspondesse ao que era esperado. Caso contrário, não valia a pena tentarem de novo. Quer isto dizer que só lhes era dada uma oportunidade.

Na noite em questão, colocámo-nos num local estratégico perto da entrada do clube, onde conseguíamos ouvir tudo. Começamos por ver um indivíduo aproximar-se da porta e, com duas pancadas dadas com os nós dos dedos, bater na porta. Vimos ligar a luz verde da câmara e ouvimos uma voz dizer: “8”. De imediato, o indivíduo respondeu “4”. A porta abriu-se e ele entrou.

Ainda não tinha passado muito tempo e já outro indivíduo se aproximava e batia à porta com a palma da mão aberta, dando duas pancadas. A câmara voltou a ligar-se e ouviu-se: “24”. Resposta imediata: “12”. A porta voltou a abrir-se e o segundo indivíduo entrou.

Eu e o meu amigo entreolhámo-nos e, pelo olhar dele, percebi que já tinha uma ideia sobre o que fazer para entrar no clube. Enquanto isto, aproxima-se um terceiro indivíduo e tudo se repete: bate à porta com os nós dos dedos, três pancadas, a câmara liga-se e ouve-se a voz proveniente do interior dizer: “14”. Do lado exterior, ouve-se “7” como resposta e a porta abre-se.

O meu amigo, enquanto esfregava as mãos de satisfação, dizia-me: “Desculpa lá ter-te feito cá vir. Afinal não vou precisar da tua ajuda.”

“Tens a certeza?”, perguntei. “Não será melhor conversarmos sobre como se processa a entrada no clube?” Ainda não tinha terminado de falar e ele já ia na direção da entrada. “Obrigado, mas não é necessário.”

Fiquei a vê-lo chegar junto à porta e a bater com duas fortes palmadas. Sem saber bem porquê, estava com a sensação que ele se iria precipitar. Entretanto, a câmara ligou e ouviu-se: “30”. O meu amigo, rapidamente, respondeu: “15”.

E nada aconteceu. Ou melhor, até aconteceu. Aconteceu a porta não se abriu.

Depois de algum tempo, sem perceber muito bem o que tinha acontecido, o meu amigo afastou-se a murmurar: “Porque é que a porta não abriu? Eu tinha a certeza...”

“Pois...”, comecei por lhe dizer, “...devíamos ter falado antes e esperar que viesse mais alguém para tirarmos todas as dúvidas.” E acrescentei: “Agora já sei o que devias ter respondido!”

Será que o leitor também sabe?

A – 6

B – 9

C – 16

D – 19

Policário nº 1249 – Público de 12 de Julho de 2015

SOLUÇÃO

A alínea certa é a alínea A.

O meu amigo precipitou-se já que depois de assistir ao que tinha acontecido com os três indivíduos não era possível ter a certeza absoluta sobre como responder.

Havia uma possibilidade que foi a utilizada por ele. Ele percebeu que as respostas dadas a “8”, “24” e “14” foram “4”, “12” e “7”, ou seja, o número que correspondia a metade dos números provenientes do interior do clube.

O que o meu amigo não percebeu foi que havia uma outra possibilidade, ou seja, que depois de se ouvir “oito”, “vinte e quatro” e “catorze”, as respostas tinham sido 4, 12 e 7, o que correspondia ao número de letras que formava cada um dos referidos números.

Por isso, a resposta que ele devia ter dado quando ouviu “30” (“trinta”) devia ter sido 6 (número de letras da palavra “trinta”).

Policário nº 1255 – Público de 23 de Agosto de 2015

CAMPEONATO NACIONAL E TAÇA DE PORTUGAL 2015

PROVA Nº 7

PARTE I

SANGRIA DESATADA

Original de BÚFALOS ASSOCIADOS

PARTE II

UMA HISTÓRIA DE ESPIONAGEM

Original de ??

SANGRIA DESATADA

Original de BÚFALOS ASSOCIADOS

A vida do arquitecto Bairrada não se conta em duas palavras. Quando, terminado o curso, decidiu ausentar-se do país para não cumprir o serviço militar, pois era contrário à guerra colonial que entretanto começara em Angola, a sorte sorriu-lhe. Passando fronteiras e agruras, foi viver para a Suíça, onde já trabalhava um tio que o orientou numa carreira que em breve correria sobre rodas. Através da importante empresa onde trabalhou, dirigiu a equipa que construiu o pavilhão da Suíça na Expo70, em Osaka no Japão, e nunca mais esqueceu o ano da sua grande arrancada para o sucesso.

O Japão, onde se deslocava com frequência no cumprimento da profissão, exerceu sobre ele um irresistível fascínio. O pavilhão da Suíça na Expo foi um enorme êxito e os convites não tardaram. Foi viver para o Japão, e em poucos anos um país nessa época em franco desenvolvimento tornou-o arquitecto afamado e senhor de uma bela fortuna. Bairrada disse sempre que a sua grande paixão era o Japão, a sua cultura, as paisagens e a simpatia dos seus habitantes. Mandou vir da Suíça a senhora com quem entretanto casara e de quem viria a ter um único filho, o Alvarinho, já nascido no Japão. O rapaz partilhou sempre com o pai o amor pelo Japão e pela sua civilização, foi lá que estudou e fez um curso de engenharia. Já retirado, Bairrada enviuvou e teve de regressar a Portugal para resolver problemas de heranças da mulher. Foi viver numa moradia no Estoril e Alvarinho acompanhou o pai, embora contrariado. As relações entre os dois deterioraram-se bastante e entretanto o pai começou a dar sinais de sofrer de perturbações mentais. Alvarinho receava ser prejudicado no testamento do pai, e mantinha-se atento porque sabia que o pai guardava uma enorme fortuna em ouro, jóias e dinheiro num cofre de que só ele sabia o segredo. Depois de reformado, o homem que sempre tinha sido afável e generoso, tornou-se agressivo, chegando mesmo a agredir o pessoal que só o suportava por interesse. Queixava-se de todos e dizia que estava a gastar o que podia da fortuna e iria suicidar-se só para lixá-los.

No Estoril a moradia tinha no rés-do-chão um grande hall (que comunicava com o piso dos quartos por uma vasta escadaria), um salão, a sala de jantar, a cozinha, sanitários e os alojamentos do pessoal: o mordomo, Palmela de seu nome, a cozinheira Ermelinda, e um criado chamado Borba. No piso de cima ficavam os quartos do pai e do filho, com as respectivas casas de banho privativas, e um escritório. Era

no quarto que o Bairrada guardava o tal cofre onde toda a gente sabia haver importantes riquezas.

Foi numa manhã de domingo que a tragédia estalou naquela casa. O mordomo, que tinha ido ficar nessa noite em casa de uns primos, regressou pelas sete e meia da manhã e estranhou que a porta da rua não estivesse fechada com quatro voltas como todos a deixavam sempre de noite. Ao entrar foi surpreendido por uma torrente de água misturada com sangue que corria em cascata pela escadaria abaixo. À polícia declarou: -"Alarmado, deixei a porta da rua aberta e subi pela escada acima, chapinhando na água que vinha da casa de banho do sr. arquitecto. As portas estavam abertas de par em par e ele jazia morto, despido, com a cabeça completamente submersa na banheira, com a água quente continuamente a correr e a transbordar, misturada com sangue que era bem visível ter tido origem em cortes em ambos os pulsos. Gritei várias vezes a chamar pelo sr. engenheiro, mas ninguém me respondeu. Percebi então que não estava mais ninguém em casa, não toquei em nada, só fechei as torneiras da água e descí para chamar a polícia do telefone da cozinha".

Dos apontamentos da polícia retiremos as notas essenciais:

1- A cozinheira e o Borba não ficaram em casa naquela noite pois, como sempre acontecia, no domingo estavam de folga e tinham-se ausentado depois do jantar de sábado em que só serviram o sr. arquitecto. O mordomo também saiu por essa altura. Alibis confirmados pelas famílias.

2- A autópsia confirmou a morte entre as cinco e as seis da manhã, por enorme perda de sangue, mostrando não ter chegado a haver afogamento. Mergulhado na banheira foi encontrado um afiado "x-acto".

3- Entre o "lago" da água proveniente do andar de cima e a porta da rua, eram visíveis pegadas de um par de sapatos de homem na direcção da saída, as quais aliás o mordomo confirmou ter visto ao entrar de manhã. Continuavam no exterior e perdiam-se na relva.

4- O Alvarinho chegou ao meio-dia e ao princípio disse que não podia declarar onde passara a noite para não prejudicar a reputação de uma senhora casada e de alta posição mas, confrontado com a gravidade da situação, acabou por dizer. A senhora mais tarde interrogada, após muitas hesitações, pediu rigorosa discricção e declarou ter estado com ele até às seis horas da manhã.

5- No quarto do arquitecto foi encontrada uma folha A4 escrita à mão: "deixo esta vida e não levo saudades vossas quem for esperto encontrará no cofre tudo o que tenho a chave está lá o segredo é à esquerda o de cima para cima e em baixo sobe um depois em cima desce um e os quatro de baixo sobem depois em cima desce um e em baixo só sobem dois depois só em baixo sobem quatro em cima nada desce". No quarto havia sinais de que alguém com sapatos molhados andara por ali.

6- O cofre estava aberto e vazio. O segredo tinha ainda registados os quatro dígitos que permitiam a

abertura. A chave estava na fechadura. Constava que o arquitecto tinha feito recentemente um testamento em que deixava grande parte da fortuna aos bombeiros.

7- Impressões digitais só dos habitantes da casa. Foi perguntado a todos se tinham ideia do segredo do cofre, mas sem resultado. Palmela falou na possibilidade de uma data importante.

O inspector Garrett gostava muito de contar esta história que ele considerava um teste à argúcia e aos conhecimentos dos seus alunos. Aqui fica o desafio: como se terão passado as coisas e como foi que o cofre apareceu aberto?

Policário nº 1252 – Público de 2 de Agosto de 2015

SOLUÇÃO

Primeira questão: terá sido suicídio ou crime? E neste caso, quem pode ter sido o assassino? Na verdade todos os que rodeavam o Bairrada podiam ter motivos para o matar.

Comecemos pelo pessoal da casa. O Palmela, a Ermelinda e o Borba apresentaram alibis credíveis para o período entre o fim do jantar de sábado e as sete e meia da manhã de domingo e estão portanto ilibados. O Alvarinho apresentou o testemunho de uma senhora casada e de posição que, depois de muitas hesitações, declarou ter estado com ele até às seis horas da manhã. A ser verdade, também não podemos incriminá-lo de autor da morte do pai, a qual, segundo a polícia, ter-se-á verificado antes daquela hora. E note-se que, uma senhora que mostrou relutância em assumir um comportamento menos correcto, não deve ter mentido pois comprometeria deveras e em vão a sua reputação. É de crer que só o afirmaria sendo verdade.

O Bairrada, perturbado e desiludido da vida, ameaçava há uns tempos suicidar-se. Foi o que terá feito naquela noite em que sabia estar sozinho em casa. Pela madrugada, terá aberto as torneiras da água quente, meteu-se na banheira e cortou as artérias ulnar com um "x-acto" de forma a perder sangue até à morte por esvaimento. A perda de consciência e a morte terão feito submergir a cabeça. Foi assim que o mordomo o encontrou, o que aparentemente poderia indicar ter sido afogado por alguém que lhe tivesse empurrado a cabeça para debaixo de água. Mas a própria polícia veio a eliminar essa hipótese ao determinar a causa da morte: perda de sangue e não afogamento. Sinal de que nos pulmões não foram encontrados vestígios de água. Suicídio, portanto, pois já estaria morto quando a cabeça mergulhou.

Vejamos agora o que terá acontecido ao recheio do cofre. Comecemos por pontuar a mensagem deixada pelo Bairrada:

"Deixo esta vida e não levo saudades vossas. Quem for esperto encontrará no cofre tudo o que tenho. A chave está lá. O segredo é:

à esquerda o de cima para cima e em baixo sobe um;
depois em cima desce um e os quatro de baixo sobem;
depois em cima desce um e em baixo só sobem dois;
depois só em baixo sobem quatro, em cima nada desce."

O inspector, recordando-se da influência do Japão e dos seus costumes naquela família, não teve dificuldade em reconhecer o registo de quatro dígitos tal como seriam marcados num ábaco, instrumento usado sobretudo no Oriente (Japão, China, ou Coreia, por exemplo) para executar

operações aritméticas de adição, subtração, multiplicação e divisão. O cofre aberto mostrava ainda marcado o segredo, que conferia com a mensagem encontrada: 1974. Afinal tinha razão quem sugerira uma data importante para o Bairrada.

Expliquemos melhor: O ábaco (no Japão, Soroban) é um instrumento utilizado como máquina de calcular, constituído por um quadro, normalmente de madeira, chamado "waqu" dentro do qual há várias pequenas barras verticais ("keta") nas quais deslizam pequenas bolas que têm valores definidos. Uma barra horizontal ("hari") divide as bolas superiores (apenas uma em cada keta e com o valor de 5 unidades) das bolas inferiores (quatro em cada keta e com o valor de 1 unidade cada). Assim, em cada barra (keta), somando os valores das bolas, podemos encontrar um total máximo de 9 unidades. O registo de um valor faz-se encostando as bolas à barra horizontal, ou seja, as de cima descendo e as de baixo subindo. Aplicando ao nosso problema e à mensagem do Bairrada, temos:

À esquerda sobe só uma bola das de baixo: 1

Depois desce uma bola de cima (5) e sobem quatro de baixo, total: $5 + 4 = 9$

Depois desce uma bola de cima (5) e sobem duas de baixo, total: $5 + 2 = 7$

Depois sobem apenas as quatro bolas de baixo, total: 4

Só o Alvarinho, por ter feito os seus estudos no Japão, onde ainda hoje se usa o Soroban em substituição das calculadoras, estaria em princípio habilitado a facilmente decifrar o enigma e abrir o cofre.

Note-se que o filho teve muito tempo para esvaziar o cofre, antes do regresso do mordomo às sete e meia. Terá chegado muito antes das sete, abriu com a sua chave, deu com o espectáculo da água em cascata, subiu as escadas, viu o pai que já estava morto e no quarto ao lado encontrou a mensagem. Resolveu então aproveitar o ensejo, meter num saco o recheio do cofre e debandar deixando a porta da rua no trinco e as pegadas na saída. Esqueceu-se foi de destruir a mensagem que o "acusaria" do roubo. Ou talvez tivesse pensado que assim não ficariam dúvidas sobre o suicídio. Mas sobre o roubo também não ficaram. Resta referir que afinal o Bairrada não tinha chegado a fazer qualquer testamento, para mal dos bombeiros. E do Alvarinho, que não deixou de ser acusado de roubo pelo Ministério Público.

Policiário nº 1259 – Público de 20 de Setembro de 2015

UMA HISTÓRIA DE ESPIONAGEM

Original de ??

Um mundo quase tão rico como o dos pescadores e caçadores no que toca a histórias e aldrabices, é o da espionagem. Não o da verdadeira espionagem, mas daqueles espões de pacotilha, que logo aparecem debaixo de cada pedra e em cada esquina, depois de tudo passar, claro, que a espionagem é feita de secretismo...

Londres, 1944, noite escura, luzes apagadas que havia bombardeamentos à vista. Quatro vultos sentados na penumbra, à luz mirrada de um pequeno foco pregado no tecto, por cima de uma mesa escura, trocavam piropos e provocações, enquanto prosseguiam uma animada partida de cartas. O maldito campeonato já durava há vários meses e parecia que ia ter o seu epílogo nesse dia, quando um dos contendores atingisse a sétima vitória.

John aparentava ser o inglês típico, com dicção carregada, andara pela guerra, mas a idade não perdoava e acabou por ter de recuar um bocado, para a trincheira da espionagem, segundo afirmava e contava “só aos amigos mais íntimos”, porque isto de ser espião tinha muito que se lhe dissesse! Faria tudo pelo sucesso da sua pátria, incluindo a morte!

Jack era irlandês e vivia há muitos anos em Londres, segundo dizia, mas nunca deixou de ser um bom irlandês e um bom espião ao serviço da causa da Liberdade contra os nazis. Não conseguira ir para a frente da batalha por causa de maleitas antigas, mas arriscava a vida todos os dias nas suas tarefas heróicas da espionagem. Um herói incógnito, como convinha!

Alex era um escocês que bem poderia ser retirado da imagem de qualquer rótulo de garrafa de whisky. Contava que a sua vida foi sempre ao serviço e muitas das maiores façanhas da espionagem moderna tinham a sua marca. Nunca tentara combater nas tropas porque a sua vida fora sempre mais para lutas discretas e muito sensíveis e graças a si muitas vitórias tinham sido obtidas, a partir de informações suas.

Finalmente Eduard, um galês dos quatro costados, capaz de tudo pela sua terra, mas sobretudo contra os nazis, que combateu até ser ferido, os outros dizem que se foi ferido, foi só no orgulho, porque nunca pegou numa arma. Mas ele insistia que sim e que depois se tornou espião, ao serviço de Sua Majestade.

Os quatro espiões, como se fossem, cada qual à sua maneira, o James Bond, ali estavam, a jogar às cartas uma supremacia que estava na cabeça de cada qual.

Ao longe, ouviu-se o barulho de passos apressados e logo depois o ruído intenso de uma porta arrombada, caindo em mil pedaços, dando passagem a um grupo de militares armados.

Os quatro puseram-se rapidamente em pé e, à voz de comando do oficial, elevaram os braços em rendição:

- Considerem-se detidos! – gritou.

- Detido, eu? Um herói nacional e um fiel súbdito de Sua Majestade? - replicou Eduard com a sua pronúncia característica. Eu, que já fui ferido em serviço!? E com que acusação, posso saber?

- Traição! É assim que tratamos os espiões! E pelo menos um de vós é espião!

Depois de revistados, já sentados nos seus lugares, sob vigilância apertada, foram falando:

- Seguramente, não sou eu! Um ferido em combate, traidor? – insistiu Eduard cada vez mais irritado.

- Muito menos eu com a minha alma escocesa! Se há alguém que nunca se venderia, esse alguém, sou eu! Quem é da terra do whisky, quem é? Traidor, jamais!

- Não me digam que andei a jogar com um traidor! Não posso acreditar, todos se armavam em heróis, mas o único aqui sou eu! – afirmou o Irlandês. Eu já desconfiava de tanto heroísmo. Acho até que não há aqui um traidor, mas mais...

- Eu sou bem inglês e ninguém me chama traidor, muito menos agora, que estava prestes a ganhar este jogo e completar esta coisa que dura há tanto tempo! – gritou, visivelmente irritado John enquanto partia o bico do lápis de tanta força fazer ao traçar o sete, completando o desenho do número. - De qualquer das formas, ganhei, cambada de traidores, quem joga como eu merece ser campeão!

O oficial elevou a voz e revelou:

- Há aqui um traidor e ele é...

A – John

B – Jack

C – Alex

D – Eduard

Policário nº 1253 – Público de 9 de Agosto de 2015

SOLUÇÃO

Alínea A – John.

Para além das características “sui generis” de todos os candidatos a espões, o John cometeu um erro crasso, certamente por se ter encolerizado, porque o treinamento que os verdadeiros espões têm dá-lhes ferramentas para se despirem de todas as suas origens e assumirem os personagens que encarnam.

O John ao ficar fortemente irritado cometeu o erro de traçar o algarismo “7”, coisa que nenhum habitante da Ilha faria e só os continentais fazem. Acabou por despir a pele que trazia e deixou vir ao de cima a sua origem.

Era ele o espão!

Policiário nº 1259 – Público de 20 de Setembro de 2015

CAMPEONATO NACIONAL E TAÇA DE PORTUGAL 2015

PROVA Nº 8

PARTE I

O 1º CASO DO INSPECTOR FERREIRA

Original de DETECTIVE JEREMIAS

PARTE II

O CASO TORTA

Original de DETECTIVE JEREMIAS

O 1º CASO DO INSPECTOR FERREIRA

Original de DETECTIVE JEREMIAS

Lisboa, Setembro de 2015

Este é o primeiro caso do inspector Ferreira, um novato nestas andanças, no entanto a investigação ao grande assalto da pequena ourivesaria, no coração de Lisboa, está a andar a bom ritmo. Enquanto se aguarda a resposta do laboratório à análise dos cabelos, o Ferreira não está parado.

O assalto rendeu uma boa maquia. Não é habitual a existência de valores tão elevados, mas conforme o proprietário explicou era uma transação excepcional, devidamente provada e documentada. Se o produto do roubo não for recuperado o dono é grande prejudicado, já que a indemnização do seguro é ridícula. O que aconteceu foi simples. Quem assaltou estava bem informado e introduziu-se na ourivesaria utilizando o método convencional para os edifícios antigos. Quando de manhã o dono, o Sr. Aurélio Prata, abriu o cofre foi logo atacado. O Sr. Prata é um ourives da velha guarda e nas declarações à polícia, apesar de nervoso, descreveu o assalto com precisão. Chegou perto das 8 horas, queria ter tudo preparado à hora combinada com a transportadora. Subiu o gradeamento, abriu a porta, entrou e fechou a porta à chave. Desactivou o alarme. Não notou nada de anormal. Dirigiu-se ao cofre, abriu-o e retirou o primeiro estojo. Assim que se voltou viu nitidamente, a um palmo de distância, uma imagem que nunca esquecerá: a abertura rectangular de um gorro escuro de ski, com um contorno verde, que revelava uns olhos azuis, frios e ameaçadores, rodeados por longas pestanas negras. Depois tudo se apagara, o assaltante usara um atordoador e o Sr. Prata ficou inconsciente até chegar a polícia. Esta fora alertada às 8.12 por um vizinho que fumava um cigarro à janela. O fumador contou à Polícia que vira um homem alto, com uma mochila às costas, sair apressado da ourivesaria, montar numa bicicleta, que estava encostada a uma árvore, e desatar a pedalar furiosamente. Conhecia o Sr. Prata desde sempre e presentiu logo que se tratava de ladroagem.

Os elementos recolhidos no local estão em sintonia com as informações prestadas quer pelo Sr. Prata, quer pela testemunha, e mostram que foi um único indivíduo a actuar dentro da ourivesaria. A prova mais relevante foi encontrada caída junto à árvore: o gorro preto, com uma abertura orlada a verde, que seguiu para análise.

Do leque de suspeitos, especialistas neste tipo de actividades, foram interrogados três que estão sob

mira já há algum tempo. Todos na casa dos 30, têm outras características em comum: são bem falantes, actuam sozinhos, são peritos no método de intrusão, nunca foram apanhados com a boca na botija e têm particularidades físicas que encaixam na descrição. O interrogatório foi demorado e detalhado. Para abreviar, revelam-se os alibis apresentados para o período da manhã em que decorreu o assalto.

O primeiro foi o Patinhas, um maníaco da poupança e da ecologia. Atento às novidades, não há incentivo, promoção, desconto ou campanha que lhe escape. Afirmou: “Tencionava ir cedo com a minha noiva para o Algarve. Saímos às 7 horas de casa mas ficámos retidos: a Emel bloqueou-me o carro por ter excedido o tempo de estacionamento. Demorei mais de duas horas a resolver o assunto”. Lamentou-se por ver o seu carro novo em folha, 100% eléctrico e devidamente identificado com tudo a que tem direito, com os pneus aprisionados. Deu o contacto de telemóvel da noiva e a morada no Areeiro.

O outro suspeito tem a alcunha de Enguia, pela forma como tem conseguido sempre escapar à polícia. É um homem discreto e cumpridor da lei, com excepção dos assaltos. Declarou: “Vim de viagem de carro desde Santarém, onde agora estou a viver. Saí de casa às 6 e tal, primeiro fui levantar dinheiro na Caixa Automática à sede, depois segui caminho e entrei na via verde da A1 em direcção a Lisboa”. Explicou que esperava a entrega de um cartão multibanco, porque o antigo tivera de ser substituído. Não indicou testemunhas e mostrou a caderneta do banco.

O último a ser interrogado é conhecido por Toupeira devido aos óculos que é obrigado a usar, desde que entrou para o infantário. O problema de visão não o afecta, antes pelo contrário, porque o olhar vago e a intelectualidade de um par de óculos garantem-lhe o sucesso junto do sexo feminino. Declarou: “Saí de casa, em Sete Rios, antes das 7 e fui de bicicleta até ao Estádio Universitário. Estive a treinar durante uma hora sempre sozinho”. Garantiu ainda que à entrada se tinha cruzado com duas amigas, cujos contactos se apressou a entregar.

O Ferreira está agora a verificar os alibis apresentados. Apesar da inexperiência, ele sabe bem quanto valem os testemunhos de amigos ou de familiares, por isso a sua prioridade vai para o contacto com as empresas, o banco e eventualmente as operadoras telefónicas, um processo sempre complicado. Relê as declarações e solta uma gargalhada. Afinal um dos suspeitos tentara aldrabar a polícia apresentando um alibi impossível. Iria confirmar tudo, pois claro, mas já tinha o “seu” suspeito.

Qual será o principal suspeito do Ferreira? Porquê?

Policário nº 1257 – Público de 6 de Setembro de 2015

SOLUÇÃO

O inspector Ferreira sabe que na investigação criminal é importante ser perspicaz e, ao mesmo tempo, é necessário ver para além do que está à vista. É isso que ele tenta fazer sempre.

Quando a sua equipa ficou com este caso, a hipótese de o ourives estar implicado no golpe foi descartada, não só por o Sr. Prata apresentar a documentação em ordem, mas também por ser ele o principal lesado. Depois, tudo corria bem, como numa engrenagem bem oleada: não há contradições entre as declarações à polícia, do ourives e da testemunha, e os elementos de prova recolhidos no local; e, ouro sobre azul, o gorro de ski usado pelo assaltante tem material biológico suficiente para obter o perfil de ADN.

Posto isto, vamos ao que interessa, ou seja, a forma como o inspector Ferreira analisou os depoimentos dos diferentes suspeitos.

Por causa da bicicleta, o Toupeira parece ter culpas no cartório. Sai cedo de casa e, considerando o factor tempo, teria sido possível introduzir-se na ourivesaria antes de o proprietário chegar. Também o testemunho das suas duas amigas poderá não ser relevante, dado o sucesso do Toupeira junto do sexo feminino. Mas o Ferreira rapidamente se dá conta que o uso, permanente e obrigatório, de óculos desvia este homem do papel de principal suspeito, porque o Sr. Prata fora bastante claro e preciso nas suas declarações.

O Enguia é outra música. A caderneta do banco mostra que foi feito um levantamento, mas não indica nem a hora, nem quem efectuou essa transação. No entanto, o Ferreira sabe qual é a instituição bancária e que a caderneta só pode ser utilizada no interior, num local habitualmente sujeito a filmagem. Sabe igualmente que também o acesso da via verde da auto-estrada é controlado. A justificação que o Enguia apresenta até pode ser verdade, mas se saiu de Santarém à hora indicada conseguiria chegar ao centro de Lisboa a tempo de preparar o golpe. Este suspeito mantém-se como tal e o Ferreira passa ao cliente seguinte.

O Patinhas apresenta como álibi o facto de ter o carro bloqueado pela Emel por ter excedido o tempo de estacionamento e diz também que o carro é novo, 100% eléctrico e está “devidamente identificado com tudo a que tem direito”. Quando o inspector Ferreira anotou as declarações não reparou, mas mesmo antes de contactar a Emel apercebeu-se de que o Patinhas devia estar a mentir. É que os veículos 100% eléctricos identificados com o Dístico Verde não estão sujeitos a pagamento de tarifa de estacionamento nem são obrigados a cumprir o limite de tempo. O Patinhas com a sua obsessão pela poupança não podia deixar de aproveitar este benefício. O Ferreira sabe que o Dístico Verde é válido

por um ano e que o carro é “novo em folha” e, por isso, ainda estará dentro da validade. Assim, o inspector Ferreira considera o Patinhas como o principal suspeito e o primeiro telefonema que irá fazer será para a Emel.

Policário nº 1263 – Público de 18 de Outubro de 2015

O CASO TORTA

Original de DETECTIVES JEREMIAS

Durante três semanas fui uma das responsáveis por um encontro ibérico de 40 jovens adolescentes vindos de várias zonas do país – incluindo Madeira e Açores – e de três regiões autónomas espanholas: Catalunha, Galiza e Euskadi. Estamos distribuídos por meia dúzia de tendas de campanha cedidas pelo exército, que também montou algum equipamento para actividades e as instalações sanitárias. Temos um pavilhão central de apoio e convívio, onde funcionam a cozinha e o refeitório. Participámos na pintura de algumas casas da aldeia onde estávamos acampados e também na apanha de fruta, fizemos provas desportivas e campeonatos de tudo e mais alguma coisa. Os debates e a troca de experiências e informação sobre o local de proveniência de cada um de nós – lendas, jogos tradicionais, gastronomia ou outras curiosidades, foram eleitos como as actividades preferidas. Cá para mim a gastronomia é que marcou mais pontos, porque nunca na vida me cruzei com pessoas que comessem tanto, nem que estivessem sempre tão disponíveis para comer. É um grupo barulhento, cheio de alegria e boa onda.

Hoje é o último dia e felizmente tudo correu sem problemas, ou melhor, quase sem problemas. Tivemos um “desaparecimento”. Calma, calma, não perdemos nenhum miúdo, “desapareceu” uma torta de chocolate. Fui eu a receber o pão que a padeira costuma vir entregar de carrinha, perto das 7 da manhã. Desta vez vinha com uma oferta: um tabuleiro repleto de tortas de chocolate para o almoço de despedida. É verdade que não as contei, mas tenho a certeza de que o tabuleiro tinha as tortas perfeitamente alinhadas, sem espaço para mais nada, e passada uma meia hora dei pela falta de uma: parecia um lugar vazio num parque de estacionamento lotado. Quem levou a torta entrou por uma janela aberta nas traseiras, porque eu, dois monitores e alguns miúdos estivemos a preparar o pequeno-almoço perto do outro acesso possível, a porta de entrada. Eu suspeito que se tratou do trabalhinho de uma só pessoa, se estivessem vários envolvidos possivelmente teriam voado mais tortas, mas é claro que não tenho a certeza.

Só estão duas tendas instaladas nas traseiras do pavilhão. Alguns dos que ocupam essas tendas estavam ocupados com o pequeno-almoço. Sobram estes quatro “suspeitos” que estão agora alinhados à minha frente com o ar mais cândido do mundo, depois de confrontados com o desaparecimento matinal da torta de chocolate, adorada por todos.

Cristiano é madeirense, ou melhor porto-santense, como ele gosta de frisar. É alto e magro com o cabelo encaracolado. Sonha ser biólogo. Foi ele quem nos contou a ligação de Colombo à ilha de Porto Santo e a história do bolo do caco. Disse: “Quando acordei já passava das 7 e meia. Custou-me a adormecer ontem à noite, bem tentava mas o sono não vinha. Até ‘tou meio *monengo*. E já tenho saudades disto tudo e de todos.”

Sergi é catalão. Apesar de franzino, ou se calhar por causa disso, é dos rapazes mais ágeis do grupo. Jura a pés juntos que vai ser pintor. Sabe muito sobre Gaudi, Dali e Miró e até estava a par da polémica em Portugal. Disse numa mistura linguística: “Estive a içar as *banderas*. *Hoy* era eu o *responsable*. *Prendre més* tempo porque a da minha região ‘tava ao contrário e tive *da per* correctamente”.

Raul é um tripeiro ferrenho, é o humorista de serviço do grupo. Quer ser actor quando for mais velho e já até frequentou alguns “cursos sérios”. Contou ao grupo tudo o que conhece sobre o Porto e ensinou a fazer a “melhor francesinha do mundo”. Disse: “*Taba* a enfiar a roupa na mochila fora da tenda e *bi* um cão, acho que era um cão, saltar e entrar pela janela lá de trás. *Bai na bolta* foi ele que tirou a torta”.

Agustín é basco e é o nosso principal animador musical. Sempre que pode está a tocar ou a dedilhar a sua viola. Nem é preciso dizer o que ele quer ser no futuro. Foi com ele que ficámos a conhecer e construímos uma txalaparta. Disse: “*No vi nadie*. *No sé nadie* sobre que tirou *la* torta. *Las manchas que tengo* na tshirt son la barra de chocolate comí esta mañana, *no son* da torta.”

Os rapazes podem estar a falar verdade, ou não... Mas tenho a certeza de que um deles me está a aldrabar. Se esse for o “ladrão” da torta, já sei quem é o culpado.

De quem desconfia a narradora?

- A – Cristiano
- B – Sergi
- C – Raul
- D – Agustín

Policário nº 1258 – Público de 13 de Setembro de 2015

SOLUÇÃO

A resposta correcta é a B – Sergi.

Sim, para mim foi fácil descobrir quem me estava a aldrabar. Passei quase três semanas a ver a bandeira da Catalunha e sei que não é possível hasteá-la ao contrário. Esta bandeira tem um fundo amarelo e quatro faixas horizontais vermelhas com a mesma largura, sem outros desenhos ou símbolos. Sergi nunca poderia ter colocado a bandeira numa posição incorrecta e, por isso, não fala verdade. Esclarecido o assunto, chegámos à conclusão de que não se tratou de um “roubo”, mas sim uma brincadeira, uma partida. A torta estava intacta, escondida por detrás de uma pilha de fruta e conseguimos resgatá-la antes do ataque de um furioso exército de formigas.

Policário nº 1263 – Público de 18 de Outubro de 2015

CAMPEONATO NACIONAL E TAÇA DE PORTUGAL 2015

PROVA Nº 9

PARTE I

FOI DO DESESPERO?

Original de KARL MARQUES

PARTE II

UM MILHÃO SE MATA, UM MILHÃO SE MORRE

Original de KARL MARQUES

FOI DO DESESPERO?

Original de KARL MARQUES

Livro de memórias, 29/07/2015.

Nem endireitas, homeopatas, biscateiros, policiaristas. Só médicos, mecânicos da marca e inspetores. Não se podia com essa gente que tinham a mania que conseguiam fazer o meu trabalho. Desamparem a loja. Valha que o políciário estava nas últimas, não havia quem escrevesse problemas (houve notícias de um palhaço a escrever um problema muito fraquinho à pressa).

O morto era desses (no relatório final, era de homem ficar “foi do desespero”). Tive a infelicidade de o conhecer em outro caso, o da “torneira eterna”, de 1/07/2012. Irritou-me tanto (mais três iguais) que ainda hoje o quero esganar (e está morto!).

Entrada do prédio, eram por aí 10h20m, um PSP informou-me que o corpo estava no 2.º andar, e que lá estava outro agente. O pessoal técnico não tinha chegado.

- Este senhor achou o corpo.

Boa. Outro esquisitóiide. O arrumadinho, o sacana teve o descaramento de tentar organizar a minha secretária (asneira: recebi-os uma vez), mesmo assim estendi-lhe a mão, ele tinha-as geladas, medo? Sangue a fugir para as pernas? (“Lie to me” gostava). Talvez não, o dia além de chuvoso estava frio.

- Lembro-me de si.

- Já venho falar consigo.

- Sei que não gosta de nós, mas não se esqueça que sem ele nunca teria percebido que...

- Génios do caraças.

Acendi um cigarro e subi vagorosamente os lances de escadas a fumá-lo, a tentar ganhar energia para o que temia ir aturar. Talvez não fosse mau, se este fosse preso por matar o outro! Perigoso: dedicar-se à escrita de problemas policiais na prisão e eternizar a porcaria. Melhor arranjar outro.

No patamar (dois apartamentos por andar), empurrei a porta aberta, ficou presa no tapete. Estilo exterior que estava no interior. Não entendi, a vítima era pessoa com uma constituição tipo a minha, 100 kg por 1,75 m (descuidos), precisava de abrir bem a porta. E eu era uns vinte anos mais novo (a vítima perto dos 80).

Hall cerca de 7 m2, móveis em toda a parede, cheios de papéis e jornais sem ordem aparente, 4

portas, uma para cada lado e duas em frente. Esquerda casa de banho, direita sala e depois de atravessá-la a cozinha. Em frente, para duas assoalhadas, uma com uma cama, outra, um escritório. Neste último estava o morto. Ao entrar, com o cadeirão alto atrás da secretária, parecia que ia ser recebido pelo Marlon Brando. Só faltava o gato. Deitado ao comprido num tapete não muito alto, entre a porta e a secretária, com o braço direito estendido ao lado do corpo e o esquerdo a segurar uma arma apontada à cabeça, precisamente à zona onde uma bala fizera a sua entrada. Manchas de sangue em toda a roupa no lado esquerdo do corpo. Em redor, incluindo o hall, não se viam quaisquer pegadas, excepto as minhas. A secretária arrumada com método, ao olhar treinado chamava a atenção estar impecavelmente limpa, assim como o cadeirão atrás, o que contrastava de alguma forma com o restante mobiliário do escritório.

Passei aos interrogatórios.

Três andares, no que se veio a apurar que o rés-do-chão estava devoluto (uma loja de mobiliários que o ocupava na totalidade fechara há pouco mais de dois meses), 1.º direito estava desocupado (dificuldade em encontrar novo arrendatário), 1.º esquerdo estava de férias, 2.º esquerdo “pai e mãe” estavam a trabalhar e os filhos na escola, 3.º direito “jovem” moínante de 28 anos, 10.ª matrícula em 3 licenciaturas diferentes, 9 cadeiras concluídas no conjunto das 3, 3.º esquerdo um chanfrado... mesmo chanfrado (embora fisicamente disfarçasse bem).

No próprio momento só consegui falar com os habitantes do 3.º andar (nas 3 casas dos andares mais abaixo só ouvi o eco da campainha). O jovem moínante, que me fez esperar um bocado para atender a porta. Disse que o “velho era um bocado implicativo”, que se queixava muito do barulho que ele fazia quando chegava a casa, que era implicância, porque ele quando chegava vinha sempre tão derreado que nem barulho fazia.

- E ele não poderia ter alguma razão?

- Qual quê! Ele também se queixava dos que viviam por baixo dele.

- Os arrendatários que saíram?

- Sim, e que eram gente muito pacata sem armar confusão alguma, da minha idade mas calminhos. Bem, eu também só calhava vê-los às vezes quando eles chegavam, pelas 19h, sobretudo desde que o elevador avariou há umas duas semanas. Todos a usar escadas favorece a convivência!

- Então não deu por nada?

- Tenho estado a dormir que nem um calhau. Eu tomo umas cenas sabe... você é só homicídios? Fico com um sono bem pesado. De manhã nem campainhas atendo.

- E em outros dias, movimentos, entradas...

- Nada, só por vezes me apercebia que uns três indivíduos se reuniam com ele.

O vizinho do moinante chegou ao prédio pelas 10h50, educado e bem apresentado.

- Que maçada terrível senhor inspetor. Eu ausentei-me do edifício pelas 8h30, pois tenho a minha consulta semanal às 9h15m, porque eu...

- Prossiga...

- Sim senhor inspetor, mas estou muito melhor. Estou quase curado. O meu vizinho do lado ressonava quando eu saía, acontece-lhe por vezes, adormecer no seu hall de entrada, e às vezes nem consegue fechar a sua porta, como aconteceu hoje. Já estou habituado, infelizmente. E agora já há muito tempo que consigo resistir à tentação de lhe abrir a porta e...

- Prossiga...

- Sim senhor inspetor, desculpe, enquanto me arranjava e descia as escadas não dei por nada.

- Entradas, saídas no apartamento?

- Não me apercebo muito de movimento, a medicação faz-me dormir muito.

Faltava o arrumadinho.

- Vim, como todos os dias, desde que o elevador avariou, às 9h30, trazer o jornal. Ele mexia-se mais ou menos, mas sem o elevador... A porta estava encostada, bati, chamei, não tive resposta, empurrei a porta, entrei e fui dar com ele. Apesar de muita da teoria disto, não estava preparado. Saí quase a correr e só do patamar chamei a polícia. Não fui capaz de voltar.

- Últimos tempos, algo estranho?

- Não, não vejo razão nenhuma para ele fazer isto.

Espero que tenha gostado, e que tenha ficado mistério no ar: não era minha intenção dar-lhe informações para perceber tudo! Tem mais piada!

Policário nº 1261 – Público de 4 de Outubro de 2015

SOLUÇÃO

Pois, ele não quer que o leitor perceba tudo, não vá dar-se o caso de o leitor começar a desconfiar do próprio inspetor.

A sua falta de simpatia pela vítima é assumida ao longo de toda a narração.

Começa por chegar relativamente cedo à entrada do prédio (corpo descoberto pouco depois das 9h30, chamada para a polícia, tudo aponta que para a PSP que já lá está, e às 10h20 já lá está o inspetor, que em princípio seria chamado posteriormente, como se estivesse pronto a rumar ao local do crime. Não é impossível, longe disso, mas é um primeiro indício.

Apesar do seu elevado peso (descrito mais à frente) dirige-se de imediato às escadas, sem tentar chamar o elevador. Que de facto está avariado, mas não seria suposto ele sabê-lo.

Antes havia cumprimentado um amigo da vítima e sentido o frio de suas mãos, não terá portanto luvas, mas à chegada, depois do cigarro fumado escadas acima, é dito que empurra a porta do apartamento. Não é dito que foi com a mão, é certo, mas nota-se uma displicência em relação ao local do crime.

A existência de pegadas suas, quando, por exemplo, o arrumadinho as não deixou, revelam também alguma falta de cuidado. Como se quisesse deixar vestígios.

Nos interrogatórios fala “dos arrendatários que saíram”, mas segundo o próprio ele só soube depois que eram arrendatários e que já não habitavam o prédio, e que até havia estado a pressionar as respetivas campainhas.

Não manifesta qualquer curiosidade em conhecer o alibi do “homem que já está muito melhor” antes apressando as suas respostas, como se já estivesse certo que ele de nada seria culpado.

Também nos interrogatórios se nota ausência de questões relacionadas com eventuais inimigos, etc.

Terá começado por se inteirar dos hábitos dos habitantes e visitantes do prédio, por forma a escolher o dia mais conveniente.

Depois de assassinar a vítima, provavelmente com esta sentada no cadeirão, arrastou o corpo para o tapete na posição em que foi encontrado. A presença de sangue apenas na roupa, para mais espalhado por todo o lado esquerdo, e o braço ainda a segurar a pistola retiram a hipótese de a morte ter acontecido naquele local e naquela situação, deixando a hipótese de suicídio praticamente de lado, só viável se alguém deslocasse o corpo depois. Limpou a zona da sala onde cometera o crime, e tentara lançar suspeitas para aquele que ele sabia ser uma visita habitual, através de uma arrumação que contrastava com os outros hábitos da vítima.

Policiário nº 1267 – Público de 15 de Novembro de 2015

UM MILHÃO SE MATA, UM MILHÃO SE MORRE

Original de KARL MARQUES

As primeiras indicações seriam que não falecera logo de imediato, a avaliar pelo sangue derramado pelo chão. Mesmo assim não teria sido muito tempo, a primeira chamada de um vizinho, a assinalar movimentações estranhas na casa (um carro parado nas discretas traseiras, alguém que entrara pelas mesmas traseiras e ocultando o ruído, sem acender qualquer luz, e um som que parecia ser de coisas a tombar) fora pelas 21h20. O mesmo vizinho insistiria menos de 10 minutos mais tarde, assinalando a saída do estranho visitante, a GNR chegaria pelas 21h45 àquela aldeia com cerca de uma vintena de casas (conhecida localmente como Casal Perdido (nome não oficial), metade desocupadas, e a 4 kms de uma estrada mais movimentada (e única saída da aldeia “via alcatrão”).

Entraram na casa, mas apenas depois de encontrarem a porta aberta nas traseiras, quando chegaram ao corpo este era já cadáver. Encontrava-se a um canto da sala, com parte do corpo ainda encaixado numa cadeira de secretária “com rodinhas”, corpo e cadeira tombados. Eram visíveis no peito e nas costas as lesões causadas pela perfuração da bala. A sala em si parecia despida de mobiliário com excepção dos equipamentos instalados numa secretária muito grande onde um monitor (ligado), um teclado, rato, colunas e até uma impressora, partilhavam o espaço com alguns papéis soltos, meio rabiscados. Teclas do teclado soltas e desfeitas chamaram a atenção para a existência de uma bala onde deveria estar um G e um H.

Causou um susto valente nos presentes quando de súbito começou a ouvir-se “como uma força, como uma força”, vindo do cadáver. Atrás do corpo da vítima, junto à sua mão esquerda, foi encontrado um telemóvel. Alguém atendeu, por impulso irrefletido, e a chamada terminou de imediato. Finda a chamada foi visível no ecrã manchado de sangue 22454603. Em análises posteriores não se encontraram no telemóvel da vítima quaisquer contactos com aquele início, assim como não se verificou qualquer chamada feita para qualquer número com aquele início.

O vizinho que chamara a GNR informou que conhecia mal a vítima, secundado pelos outros habitantes da aldeia que entretanto se juntaram, chegara ao lugar à coisa de 5 meses e pouco ou nada sabiam, pois pouco comunicava com eles. Saía frequentemente de casa, no seu carro, e era isso o, pouco, que sabiam. A maior comunicação que tivera havia sido com o neto de um dos residentes,

estudante universitário “de computadores” e com havia ainda partilhado o seu entusiasmo por tudo o que fosse tecnologia, considerando-se um indivíduo do século XXII disposto a usar tudo aquilo que o homem atribuisse à máquina para facilitar a vida do humano. O vizinho não conseguira perceber nem a cor nem a marca do veículo, apenas que era um veículo “dos mais pequenos”.

Viria a apurar-se que a vítima se chamava Albano Milhão, e que era um detetive profissional. Oriundo de Braga refugiara-se naquela aldeia por precisar de se isolar por estar a tratar de um caso muito delicado, que lhe ocupara sensivelmente os últimos 7 meses. Contratado por um industrial (que assumiu depois ser o autor da chamada para o telemóvel da vítima, que desligou por receio sobre de quem seria aquela voz) para investigar um concorrente, o tópicio viria a tornar-se muito mais perigoso do que esperava.

Por coincidência, nessa noite, a 14 kms da aldeia, ocorrera um acidente que envolvera, apenas com danos materiais ligeiros, quatro “carros pequenos”. Os quatro condutores, que viajavam sozinhos, foram interrogados pelos agentes que se dirigiram ao local para tomar conta da ocorrência, mas que eram já conhecedores do assassinato entretanto ocorrido.

Albino Um: era do Porto e estava em trânsito vindo de Espanha. Fora em trabalho levar uma encomenda a Madrid. Disse não saber do que seria a encomenda, pois ele limitava-se a transportá-las. Forneceu, muito a contragosto o contacto de quem o contratara, tendo essa entidade, de forma muito receosa, fornecido qual o destino da encomenda. Quando questionado sobre Casal Perdido disse não ter por hábito fazer paragens em terras desconhecidas. Embora os outros envolvidos o considerassem o responsável ele estava renitente em dar-se como culpado. Disse não conhecer sequer ninguém de apelido Milhão. Veio a apurar-se ter cadastro de pequeno tráfico.

Abílio Dez: Afirmou ter até estado uma vez em Casal Perdido, num acampamento feito com escuteiros na adolescência. Mas que não lá voltara entretanto. Mas Milhão não conhecia. Era de Aveiro e fora visitar um amigo a Viseu. Aceitou fornecer a identidade e contacto do amigo. Não tinha cadastro.

Acácio Cem: Era da Feira e tinha-se ido despedir da amante, e pedia encarecidamente para não o revelarem à mulher. Não podia fornecer o número da amante pois ela ia precisamente embora para sempre, e não quisera deixar-lhe contacto. Estava ainda muito transtornado, pois ele pensava até deixar a mulher. Concluía agora que nem sequer sabia se o nome da amante era verdadeiro. E sim, estivera duas vezes em Casal Perdido, por razões profissionais (era geólogo), mas qualquer uma dela há já algum tempo. Também não conhecia Milhão. Cadastro não tinha.

André Mil: Era de Viana do Castelo. Afirmou não conhecer Casal Perdido, mas que até julgava conhecer Albano Milhão. Um amigo seu pedira-lhe uma vez para o acompanhar a uma entrevista com

o detetive (desconfiava de um sócio), mas nessa altura Milhão tinha escritório em Braga. Estava na zona a preparar um jogo de pista a propor como atividade aos colegas do seu local de trabalho daí a algumas semanas. Tinha uma condenação, já antiga, por condução sem carta de condução.

Estes dados e posteriores confirmações permitiram concluir que o assassino foi:

- 1 – Albino Um
- 2 – Abílio Dez
- 3– Acácio Cem
- 4 – André Mil

Policiário nº 1262 – Público de 11 de Outubro de 2015

SOLUÇÃO

Hipótese 2.

A vítima gostava daquilo que a tecnologia lhe poupava. Seria natural então ter escrita inteligente de mensagens no telemóvel. Mas foi baleado, e não quer que o assassino (que deverá estar a retirar a torre/computador, que não é descrito como estando no escritório apesar de um monitor ligado) perceba que ele ainda está vivo. Ou não se lembrou, ou já não conseguiu, ir para mensagens sem ver o monitor. Só lhe restou carregar nas teclas, como sempre costumava fazer, e dos nomes disponíveis, o único possível de ser escrito com escrita inteligente com aquela sequência de teclas é Abilio D (de Abílio Dez).

Com a música "como uma força", o problema não se passará em tempos ainda iniciais dos telefones portáteis, já existe assim escrita inteligente de mensagens.

Policiário nº 1267 – Público de 15 de Novembro de 2015

CAMPEONATO NACIONAL E TAÇA DE PORTUGAL 2015

PROVA Nº 10

PARTE I

A ESTRANHA MORTE DO “TIO PALITO DAS VACAS”

Original de MÁRIO CAMPINO

PARTE II

O CASO DE JOSITA CORLI

Original de MEDVET

A ESTRANHA MORTE DO “TIO PALITO DAS VACAS”

Original de MÁRIO CAMPINO

Noite fria para a época, madrugada branda...

Avô Palaló fechou o largo portão da Rua do Paço, enquanto o cavalo esperava, sacudindo com o rabo comprido as moscas invisíveis ou imaginárias. Montou. A breve brisa que lhe afagava o rosto, surge com uma promessa de vida. Não tem que incitar a montada, esta conhece a rotina do período, concluídas as sementeiras. Caminha até à esquina, volta à direita para uma rua larga de terra batida na areia que o levará às Milheiras. Junto do muro do pátio do Vasco deteve o cavalo e desmontou, colocou as rédeas sobre a sela, deu uma suave palmada na anca do animal, que seguiu em frente, seguido pelo dono, a pé, distendendo as pernas arqueadas de anos de cavalgar. Sempre que se afasta meia dúzia de metros do companheiro, o cavalo pára, aguarda que o dono chegue à sua beira para continuar. Neste ritual, o avô avistou adiante a carroça carregada com bidões largos, onde o “Quim Leiteiro” despejava uma bilha de boca larga, outra tombada no chão, frente à rua vedada por uma vara de pinho caída, que dava acesso à pequena propriedade do “Tio Palito das Vacas” – na verdade João Libório, que o povoleu alcinhara por possuir quatro vacas leiteiras, ser delgado sem ser alto, mas rijo para o trabalho apesar da idade – um regressado dos “Brais”, cujos sacrifícios lhe permitiram amealhar “patacas” bastantes para comprar uma pequena parcela de terra, onde construiu uma casa tosca, um barracão largo, uma horta tipo familiar e pastagens para o gado. Dele se pensava que teria um bom “pá de meia”, resultado da venda diária de oitenta litros de leite e a “MariDores” ia todas as semanas fazer queijos, para a casa ou venda. Com ele vivia o sobrinho Óscar, filho da falecida irmã e único membro da família, agora com dezanove anos, um segundo “palito”, mas mais frágil e enfraquecido pela bebida, avesso ao trabalho, assíduo na Taberna da Rita Pirua.

O Avô Palaló gostava da índole do Libório e as andanças pelas Milheiras, incluíam, normalmente, “dois longos dedos de conversa” com o vizinho, pelo que o cavalo parou na serventia, bufou como que aliviado de uma grande corrida que não fizera, cheirou um tufo de ervas no valado, de que se desinteressou e esperou o dono. Este, a três passos da cena, já ouvia o leiteiro esbracejar:

- Aquele “alentejano do demo”, quis enganar-me! Trouxe duas bilhas, uma vazia. Ai que eu faço uma asneira...

- Calma, homem, vamos ver o que se passa. – aconselhou o avô.

Entraram. Logo adiante uma “pedaleira” no chão. Mais além uma casa rústica de tecto alto, um casarão totalmente aberto. Nele, duas vacas mugiam angustiadamente, uma terceira fora arrastada pelo “Miguel Alentejano” – um homem baixo e forte, de rosto crestado pelo sol, que viera pedir trabalho há uns meses e ficara – para o prado onde uma outra abocanhava, serena, a erva tenra, todavia, o animal voltara a entrar no barracão e junto da cancela fazia coro com as outras. Miguel prepara-se para ordenhar, hesitante.

Os dois homens apareceram e o leiteiro atacou:

- “Qué” lá isso? Levaste uma bilha cheia, outra vazia...

- “Ná”. Carreguei duas, eu...

O avô interrompeu:

- Vamos a isto minha gente; primeiro o trabalho! E airou uma bilha para as mãos do leiteiro, ele mesmo começou a ordenhar.

Sem questionar transportaram as bilhas cheias para o terrado frente à habitação. O “brasileiro” tinha a porta cerrada, estaria na horta?

Miguel foi encarregado de despejar as bilhas na carroça, enquanto o avô e o leiteiro iam à horta. Não o encontraram. Estaria doente? Pensou o avô.

Voltaram ao terreiro. O avô, preocupado, viu o alentejano já de volta da missão, bateu à porta sem resposta e entrou. Dentro estava escuro. Abriu uma janela. O Libório estava sentado numa cadeira de braços, à mesa, frente a uma tigela de café frio, metade de um queijo e pão. Acercou-se, tocou-lhe com os dedos no rosto anormalmente frio. Estremeceu. Olhou à volta para reparar que a lareira parecia não ter sido acesa, o candeeiro de petróleo estava apagado por falta de combustível...

Chegou-se à porta e gritou para os outros.

- O homem está morto! Olha, Quim, mete-te na “traquitana”, passa pelo Dr. Chico, diz-lhe que vais da minha parte... e vai à tua vida.

Sentou-se ni pial da porta.

Miguel parecia apático.

- E agora o que é que eu faço? Nunca passei da porta da casa, mas ontem, perto das nove da noite, estava à espera do sobrinho e pediu-me para o ir buscar à taberna. Encontrei-o perto daqui, “enfiado na pedaleira”, “bêbado que nem um cacho”, com as palmas das mãos cheias de sangue. Carreguei-o às costas e deixei-o na cama. O patrão até me deu uma nota pequena. Agora...

O médico levou meia hora, bem puxada, a chegar:

- O que temos, Manuel?

Entrou e acercou-se do morto, atestou a rigidez, pediu para o ajudar a retirar o corpo da cadeira... deteve-se.

- Espera, ele não está sentado, jaz hirto. Estranho!

Examinou o pescoço, levantou a camisa, conseguiu puxar as calças e observou:

- Olha para estas manchas roxas, no pescoço, nas costas, nas nádegas, na parte inferior das pernas... segredou ao ouvido do avô – isto quer dizer...

Com os dedos hábeis, tateou o corpo; ao explorar a cabeça descobriu um pouco acima da nuca, encoberto por escassos cabelos, uma contusão arredondada, provavelmente resultante de pancada com objecto redondo, pedra ou ferro, da qual, tudo o indica, resultou esmagamento do crânio – denunciou.

- É melhor avisar o comandante do posto, o nosso cabo André. É preciso uma autópsia, mas deixe-o ver o corpo. Quem terá feito isto?

O avô como que acordou de um pesadelo:

- Tenho de dar conhecimento ao sobrinho...

Foi à porta e gritou para o Miguel:

- Onde está o Óscar, saíu?

- Ora, acho que “tá na sorna”!

O avô e o médico subiram as escadas de madeira para o sótão. O rapaz estava a ressonar, atirado para a cama, babado e a cheirar a azedo. Não respondeu aos abanões do médico, que lhe deu uma bofetada dura. Acordou desnortado:

- Tio... isso não vale!

Levantou as mãos sujas, com escoriações e sangue seco, igualmente visível na manta.

Sentou-se, zangado. Ao fazê-lo, alguma coisa caiu ao chão com estrondo – um pilão de cobre de um almofariz.

O instrumento do crime, creio! E apoderando-se do objecto, o médico correu escada abaixo, para pouco depois gritar para cima:

- Ajusta-se, Manuel, ajusta-se! O almofariz está na cozinha.

E o Dr. Chico, subitamente apressado, alegou a visita a um doente e partiu. O avô ponderou as motivações de A a Z e concluiu pelo roubo. Entretanto a casa não apresentava indícios de busca; a hipótese viável é que o ladrão só descobriu o esconderijo do dinheiro no momento em que a vítima o retirava.

Esperou quase três horas pelo cabo André, a quem relatou os acontecimentos e conclusões pensadas e ponderadas.

O cavalo, cansado de esperar, entrou e postou-se no terreiro, batendo o chão com as patas fortes, agora impaciente.

Entretanto: Quais as conclusões, fundamentadas, do leitor?

Policário nº 1265 – Público de 1 de Novembro de 2015

SOLUÇÃO

Consultando a velha agenda de capa preta, onde outrora registava os factos ligados ao “Avô Palaló”, noto que o caso em questão não apresenta, suponho, grandes dificuldades. Trata-se de um delito caseiro, uma vez que está fora de dúvidas qualquer eventualidade de ter sido produzido por estranhos. Aliás, naqueles tempos, os delitos maiores limitavam-se ao assalto a capoeiras; então vivia-se e dormia-se em segurança de “portas abertas, dia e noite” (saudosos tempos!).

O “Avô Palaló” mandou chamar o Dr. Chico, não por qualquer suspeita, mas por ser necessária a certidão de óbito; todavia, o médico, com a sua cuidadosa atenção na observação do morto, acabou por desferrolhar a face oculta de um drama. Na verdade, se a morte tivesse ocorrido na posição sentada, a vítima – ainda que tivesse ocorrido um último espasmo, que não se verifica na morte instantânea – conservaria a mesma posição enquanto durasse o estado de rigidez ou, cientificamente, o “rigor mortis”, que num corpo delgado como o do Libânio e uma noite fria para a época, se inicia duas a três horas após a morte e cessa dez a doze horas depois. Na sequência do trabalho, o médico descobre as manchas roxas no pescoço, logo nas costas, nas nádegas, parte inferior das coxas até aos calcanhares, daí a ilação de que o corpo estivera em decúbito dorsal, representando as manchas os livores cadavéricos em resultado da gravidade actuando sobre os vasos sanguíneos. Note-se que se a vítima tivesse perecido e mantido na cadeira, os livores estariam fixados na parte inferior do corpo – nádegas, coxas e pés. É por demais. Óbvio que o cadáver foi transportado da posição de decúbito dorsal para a cadeira e já em avançado estado de rigidez, que manteve – este seria o motivo do segredo do médico ao avô.

Porquê e quem matou? Aludimos que era um crime caseiro, logo os dois suspeitos são Óscar, o sobrinho que poderia herdar sem trabalho, de que não gostava e Miguel, tentado pelo “pé-de-meia” do patrão, um crime caseiro e de ocasião. As motivações latentes.

Óscar, frágil e enfraquecido pela bebida, está fora de questão, jamais conseguiria transportar o corpo do tio, do chão para a mesa; Miguel, um homem forte, facilmente o faria e fez – é ele o culpado. Também não havia – nada o refere – vestígios de sangue nas mãos de Óscar, no pilão ou corpo do tio.

Dado que a vítima estava, quando foi encontrada, em estado de rigidez, considerando o período de “rigor mortis”, a morte deve ter ocorrido nas primeiras horas da noite anterior. Assim, visto que Miguel nunca tinha entrado na casa e esta não apresentava vestígios de busca, tudo indica que descobriu o esconderijo do mealheiro quando o patrão retirou uma pequena nota. Não resistiu ao dinheiro, pegou no pilão de cobre que estava à mão e atingiu o patrão na cabeça. Sem consciência da própria força, o que seria, em princípio, um roubo, foi um assassinio. Ainda atordoado, pensou rápido. Maliciosamente,

com o dinheiro no bolso, deixou o Libório estendido e foi colocar o pilão na cama de Óscar, para o incriminar. Iria fugir, mas, fugir significava denunciar o seu crime e inocentar Óscar. Ficou toda a noite a procurar uma solução e, de madrugada convenceu-se tê-la encontrado. Foi deslocar o patrão para a mesa, com o pequeno-almoço habitual, para indicar que a morte foi de manhã, enquanto ele estava na ordenha. Mas a luz do candeeiro estava a findar por falta de combustível, mal teve tempo de olhar para o resultado da encenação... (Daí o corpo não ficar sentado). Correu para fora, tinha de levar as bilhas de leite para a estrada porquanto o leiteiro devia estar a chegar. Levou as duas do costume, mas uma vazia e porque duas bilhas representavam a ordenha de duas vacas, tentou levar mais uma para a pastagem; contudo, a vaca, aflita com o leite, voltou e foi juntar o seu mugir doloroso às restantes. Este foi o primeiro indício para o avô, não compreendeu no momento, mas lembrou-se depois, para acusar Miguel.

Dir-se-ia que Miguel foi vítima da sua força por duas vezes; a primeira ao bater com o pilão, a segunda ao transportar o cadáver.

E foram estas as conclusões que o Avô apresentou ao cabo André.

Policário nº 1271 – Público de 13 de Dezembro de 2015

O CASO DE JOSITA CORLI

Original de MEDVET

Numa manhã de segunda-feira, 8 de Julho, o leiteiro que chegara ao nº 99 da Rua dos Plátanos ficou surpreendido por notar a luz acesa, apesar de já serem sete horas e o sol ir alto. Talvez fosse apenas a curiosidade que o fez espreitar pela janela, atravessando um canteiro de flores recentemente cavado, mas mais tarde disse ter sentido um estranho pressentimento. O leiteiro espreitou através de um pequeno espaço deixado entre as cortinas corridas. Ao princípio mal distinguiu um vulto de mulher esparramado numa cadeira, mas depois conseguiu ver a sua face - uma máscara de sangue.

Por um momento o leiteiro ficou paralisado, mas depois, com um grito abafado de terror correu rua abaixo, onde felizmente tropeçou com um polícia que fazia a sua ronda, a quem contou a macabra descoberta.

Voltaram os dois para o 99 e tentaram entrar pela porta da frente, que estava fechada à chave. Entretanto o leiteiro explicava ao polícia quem eram os habitantes da casa. Tratava-se de uma mãe com duas filhas, estrangeiras, apesar de falarem muito bem o português. O leiteiro sabia que a mãe e uma das filhas estiveram fora durante o fim-de-semana, porque na sexta-feira anterior lhe pediram para deixar apenas meio litro de leite no sábado e no domingo em vez do habitual litro e meio, uma vez que a Senhora Corli e a sua filha Dolores estariam fora até segunda-feira.

Uma vez que a porta da frente estava fechada, tentaram a das traseiras, que também estava fechada. O polícia decidiu entrar por uma janela entreaberta na cave. A figura na sala da frente era de facto a filha, Josita. Tinha um revólver na mão direita e o cano descansava contra o que fora a mandíbula; de facto, praticamente toda a metade inferior da cara fora atingida pela descarga e não era um espectáculo agradável.

O polícia não perdeu tempo a notificar a esquadra e em breve o Inspector Fagundes apareceu no local. A opinião geral era a de que se tratava de suicídio, mas Fagundes encontrou pequenos pormenores que lhe pareceu prudente esclarecer.

A Senhora Corli e a sua filha Dolores chegaram por volta do meio-dia e ficaram horrorizadas com a notícia. Quando acalmaram o suficiente, Fagundes inquiriu se haveria algum motivo para Josita se matar. Não havia nenhum, que elas soubessem; era uma rapariga de temperamento variável e por vezes

instável, mas nos últimos tempos parecia ter assentado, graças a um rapaz com quem parecia ter uma relação amorosa muito intensa, chamado Ramon Perita.

Sob pressão, no entanto, Dolores admitiu que Josita em mais de uma ocasião, durante um dos seus acessos de fúria, havia ameaçado matar-se, mas ninguém dera muita atenção ao assunto. A mãe atribuíra isso a uma manifestação de mau gênio que não durava mais de cinco minutos. Na verdade Josita sempre acabava por ficar lavada em lágrimas e pedia desculpa por ser tão tortuosa.

Quando Fagundes interrogou Ramon Perita, o namorado da vítima, este pareceu assombrado quando lhe deram a notícia. Quando ele a deixara na noite anterior, ela parecera-lhe bem, no seu habitual bom humor. Não era verdade que Josita estava sempre a ter ataques de fúria. Um pouco leviana, fazendo olhinhos de vez em quando a outros homens, nada de importante. Isso já tinha acabado, Josita tinha-lhe prometido deixar de olhar para outros homens.

No sábado anterior tinham combinado ir ao cinema, mas ela não aparecera. No domingo à noite fora a casa ver se tinha acontecido alguma coisa e ela contara-lhe que não se sentira bem e tinha ido para a cama cedo. Não lhe mandara recado porque não tinha modo de o fazer. Ela parecera-lhe bem no domingo à noite e devia estar a sentir-se melhor. Tanto quanto sabia, não havia nada de especial no seu espírito, nem podia imaginar uma razão para ela se matar. Deixara-a por volta das dez e ela foi com ele até à porta, combinando encontrar-se com ele na terça seguinte à noite.

O homem estava mesmo transtornado, mas as suas palavras soavam verdadeiras. Pesquisas na vizinhança confirmaram o seu depoimento até certo ponto. Uma das vizinhas ouvira um som por volta das onze, mas parecera-lhe o escape de um carro. Aos domingos à noite a Rua dos Plátanos tinha muito movimento. De resto, nos últimos tempos tinha havido vários assaltos nas vizinhanças e todos estavam um pouco em sobressalto - mas não deu muita importância, até porque o som lhe parecera abafado e não ouvira mais nada.

Josita era muito apreciada na vizinhança, especialmente pelos homens, porque era muito bonita e sabia-o. Usava a sua beleza para estontear os homens; o seu único defeito era apreciá-los demais. Ainda no sábado anterior a vizinha a vira de braço dado com um jovem. A senhora estava à entrada da casa, a tomar o fresco antes de se deitar. Vira o par aproximar-se, parar à porta da rapariga e ouvira-a despedir-se com um “Boa noite, Francisco; ver-nos-emos em breve.”

A vizinha estranhou, pois era suposto Josita andar com um tal senhor Perita; pensava que o seu nome era Ramon, já a ouvira tratá-lo por Ray.

Segundo o relatório da autópsia, a moça estaria morta cerca de sete a oito horas antes da descoberta do corpo, ou seja, a morte dera-se entre as onze e a meia-noite. Talvez mesmo às onze, se o ruído ouvido

pela vizinha fora um tiro.

O homem visto no sábado com a vítima foi encontrado sem dificuldade. A mãe da vítima lembrara-se de um tal Francisco Peres com quem a filha andava antes de se decidir por Perita. As suas declarações eram simples. Encontrara Josita por acaso nessa tarde e ela dissera-lhe que ia ter com o namorado para irem ao cinema, mas após alguma insistência ele convenceu-a a ir dar um passeio com ele em vez de se encontrar com Perita. Passaram a maior parte do tempo num abrigo do parque. Ela pareceu-lhe preocupada e mais tarde confidenciou-lhe a causa. Hesitava entre ele e Perita. Ela gostava do namorado, mas ele podia ser fatigante por vezes. Ela gostaria que ele de vez em quando mostrasse alguns ciúmes, mas para além de se queixar quando ela falava de outros homens, ele não mostrava nenhum sinal de emoção. Ela achava que ele gostaria mais dela se de vez em quando se zangasse. Estava a pressioná-la para casarem em breve. Segundo Peres, ela dissera que “se sentia tão mal com esta indecisão que por vezes pensava em acabar com tudo”. Peres riu-se dela e conseguiu distraí-la dessa ideia, mas agora achava que as palavras tinham um sentido mais sinistro do que julgara.

O revólver era de um tipo vulgar do exército, havendo muitas maneiras de a rapariga o ter arranjado. Nem havia maneira de traçar a sua origem com alguma certeza. Nem a mãe nem a irmã sabiam que Josita tinha uma arma - mas isso nada provava.

Dêem uma ajudinha ao Inspector antes que fique completamente “passado”...

- 1 – Foi Ramon Perita
- 2 – Foram a mãe e a irmã
- 3– Foi Francisco Peres
- 4 – Foi suicídio

Policiário nº 1266 – Público de 8 de Novembro de 2015

SOLUÇÃO

A resposta correcta é A.

Não foi suicídio. Uma rapariga bonita – e que sabe que o é, usando essa beleza para atingir os seus fins – não vai suicidar-se com um tiro na cara: Recorde-se que o espectáculo não era nada bonito. Josita gostaria que a lembrassem bela e não iria matar-se desse modo; usaria veneno, por exemplo.

Por outro lado, ela não tinha motivos para se matar. Aquele comentário poderia ter apenas a ideia de se desembaraçar de um namorado inoportuno, ou seja Perita. “Acabar com tudo” poderia indicar “acabar com Ramon”. Não há carta de suicídio nem sinais de violência.

O suspeito mais provável é Ramon Perita. Francisco Peres não tinha motivos para matar a moça. Já o namorado afirmara que não gostava de a ver com outros homens; e diz que a rapariga lhe prometera deixar de “fazer olhinhos”, mas as declarações de Peres não corroboram isso; antes, dão mais a ideia de que ela estava a pensar terminar a relação.

É possível que ele a fosse ver no domingo para “esclarecer” a situação e fingisse acreditar na explicação que ela lhe deu. Hábil a esconder os seus sentimentos (“água silenciosa é a mais perigosa”) podia ter levado a arma já com a ideia de a matar se as suas suspeitas tivessem fundamento; talvez lhe mostrasse o revólver para se defender dos assaltos, isso explicaria porque a moça não mostrava sinais de surpresa/terror (o que indica que a vítima conhecia o assassino, já que não é muito crível que se matasse dessa forma, haja em vista o seu temperamento/carácter). Ela segurara a arma para “experimentar”, por exemplo, e ele talvez indo por trás da rapariga (que estava sentada) e obrigou-a dobrar o pulso e carregou no gatilho, disparando o revólver. A bala atravessaria a parte inferior da cara, destruindo-a. Deste modo, só haveria impressões dela na arma. Depois, o homem só teria de sair de casa, deixando a porta trancada. Mas esqueceu-se de apagar a luz, o que indicou ao Inspector que a vítima fora morta ainda de noite (o que a autópsia confirmou) e que estava ainda a pé.

Confrontado com os factos, Ramon Perita confessou.

Policiário nº 1271 – Público de 13 de Dezembro de 2015

CAMPEONATO NACIONAL E TAÇA DE PORTUGAL 2015

CLASSIFICAÇÕES

DECIFRAÇÃO

CAMPEONATO NACIONAL

1º DETECTIVE JEREMIAS	(CAMPEÃ NACIONAL)
2º DANIEL FALCÃO	
3º INSPECTOR ARANHA	
4º INSPECTOR BOAVIDA	13º EGO
5º VERBATIM	14º INSPECTOR MOSCARDO
6º ZÉ	15º REGIS
7º MISTER H	16º AGENTE MALAPATA
8º KARL MARQUES	17º CADILAC
9º BÚFALOS ASSOCIADOS	IRINA
10º A. RAPOSO & LENA	RÚGULO
11º AGENTE GUIMA	20º INSPECTOR SONNTAG
12º PAULO	

TAÇA DE PORTUGAL

VENCEDOR	–	DANIEL FALCÃO
FINALISTA	–	INSPECTOR BOAVIDA
MEIAS-FINAIS	–	AGENTE GUIMA; DETECTIVE JEREMIAS
QUARTOS DE FINAL	–	INSPECTOR ARANHA; INSPECTOR SONNTAG; PAULO; RIBEIRO DE CARVALHO

CLASSIFICAÇÃO DIC ROLAND (MELHORES SOLUÇÕES)

- 1º DETECTIVE JEREMIAS
- 2º DANIEL FALCÃO
- 3º INSPECTOR ARANHA
- 4º INSPECTOR BOAVIDA
- 5º VERBATIM

CLASSIFICAÇÃO MEDVET (SOLUÇÕES MAIS ORIGINAIS)

- 1º INSPECTOR GIGAS
- 2º TROIKOSTA
- 3º BYRLY
- 4º DETECTIVE JEREMIAS
- 5º INSPECTOR BACANO

PRODUÇÃO

CAMPEONATO NACIONAL

- 1º MÁRIO CAMPINO
- 2º BÚFALOS ASSOCIADOS
- 3º PAULO

PROBLEMAS DE ESCOLHA MÚLTIPLA

- 1º QUARESMA, DECIFRADOR
RIP KIRBY
- 3º A. RAPOSO & LENA

POLICIARISTA DO ANO E RANKING

TROFÉU SETE DE ESPADAS (POLICIARISTA DO ANO)

- 1º DANIEL FALCÃO
- 2º DETECTIVE JEREMIAS
- 3º INSPECTOR BOAVIDA

TROFÉU DETECTIVE MISTERIOSO (RANKING PÚBLICO-POLICIÁRIO)

- Nº 1 DANIEL FALCÃO
- Nº 2 DETECTIVE JEREMIAS
- Nº 3 INSPECTOR BOAVIDA



CLUBE DE DETECTIVES

Daniel Falcão



danielfalcao@clubedetectors.pt